

**JOAQUIM GONDIM**

(Da Inspectoria  
do Serviço de Protecção  
aos indios do Amazonas)

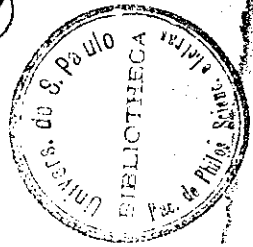
CEDI - P. I. B.  
DATA 27/10/86  
COD. PT 001

**A PACIFICAÇÃO DOS PARINTINTINS**

Koró de iuirapá



020600



B Silva de Valle  
Rua 15 de Novembro, 15  
Teleph. 2-0231  
S. PAULO.

1925

020600

## PROLOGO

*Obscuro auxiliar do Serviço de Protecção aos Indios no Amazonas, incumbido de fiscalisar os seus estabelecimentos no interior, bem depressa tive a comprehensão de que, nas minhas viagens através de paragens solitarias, poderia aproveitar as horas de lazer para escrever alguma coisa que pudesse ser util á terra generosa onde vi nascer os meus filhos.*

*Perseverei no meu intuito despretencioso, dando á publicidade, em 1921, ao meu opusculo «Através do Amazonas», que, se não apresenta nenhum merito intellectual, todavia tem servido de fonte subsidiaria para o estudo de alguns problemas que se relacionam com a vida economica e financeira do Amazonas.*

*A indulgencia do publico, esgotando a primeira edição, deu-me estimulo e coragem para elaborar esta outra obra descriptiva, que ora entrego ao dominio da publicidade, subordinada ao titulo «A Pacificação dos Parintintins».*

*Neste livro, sobremodo defficiente, objectivêi apenas duas coisas: apreciar os indios Parintintins na sua indole, nos seus costumes, na sua arte rustica, nas suas tradições guerreiras, e mostrar a paciente abnegação com que um nucleo de heróes, norteados pela acção firme e perseverante da Inspectoria de Indios, conseguiu arrancar das selvas e pacificar uma tribu que, ha mais de meio seculo, vinha se notabilizando pelos seus feitos na região do Madeira.*

*Escrevi a primeira parte escudado nas observações a que procedi em 1924, no posto de pacificação, quando ulli*

*estive com a expedição norte-americana de Philadelphia, de que era chefe o barão Rudolph Schansee. A segunda parte é o resumo descolorido de alguns dos relatórios que, no período de 1921 a 1923, a Inspectoria recebera de seus auxiliares no rio Maicy-mirim, dando os detalhes da marcha da pacificação. Fiz omissão de muitos episódios curiosos, dada a necessidade que tinha de publicar, quanto antes, este pallido trabalho, para evitar que alguém, futuramente, venha exhibir-se com pennas de pavão e apregoar que, ao tempo da pacificação, esteve em contacto com os famosos guerreiros.*

*O presente livro constitui, portanto, apenas o esboço de um quadro impressionante, que outros se incumbirão de pôr em relevo, com a necessária competência, prestando assim valioso concurso á historia do Amazonas.*

*Ficarei consolado se o publico me fizer a devida justiça, reconhecendo o esforço que dispendi neste trabalho para não deixar no olvido os fructos de uma obra nobilitante: a pacificação dos indios Parintintins.*

Manáos, 24 de junho de 1925.

JOAQUIM GONDIM DE ALBUQUERQUE LINS.  
(Da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes).



## Os Parintintins

### I

Na região do Tapajós habitou antigamente uma grande nação indigena, conhecida pela denominação de Cauahib.

Era notavel pelas suas tradições bellicosas, tendo vivido em continuas luctas com algumas tribus visinhas, inclusive a dos seus parentes Apiacás.

Como acontece a todas as tribus guerreiras, que fazem do pomadismo uma especie de sport, arrojando-se ás mais tenebrosas aventuras, a nação Cauahib scindiu-se em diversos grupos, tomando cada um o seu destino, na emigração do berço natal para as diversas paragens da região do Madeira.

Dos grupos dispersos, destacavam-se os Paranauad, Tacuatib e Uiraféd, cujos representantes, hoje conhecidos por tupys, se encontram no Riosinho, affluente da margem direita do alto Machado, e os famosos Parintintins, cuja denominação representa uma criação de seus inimigos Mundurucús, que assim entenderam de cognominal-os.

E' destes ultimos que venho me occupar, neste obscuro trabalho, esboçando de relance os ultimos scenarios em que a sua vida se tem agitado.

Quem conhece a situação geographica dos nossos rios, não póde deixar de concordar que, deslocando-se da região do Tapajós, os indios Parintintins tiveram de transpor as cabeceiras dos rios Sucundury e Aripuanã e, seguindo sempre a direcção Oeste, foram localisar-se nas terras centraes comprehendidas entre o alto Marmellos e o baixo Gy-Paraná.

dro desolador, que era mais uma pagina relida na historia do martyrologio indigena.

Ante o espectro do terror, algumas mulheres e creanças, transidas de susto, trataram de correr, desordenadamente, pelo cerrado da matta proxima e outras tombaram sobre a algidez do solo, victimadas pelas balas assassinas.

Era o lance innominavel da tyrannia na sua sementeira de dores e de lucto. Contra elle havia apenas a repulsa do heroismo guerreiro dos Parintintins, mas nem estes podiam conter a sortida traiçoeira, porque, para attingir precisamente o inimigo, com as suas flechas, era necessario que recorressem a melhor posição, ditada pelas circumstancias do momento. Deste modo, preferindo o desaggravo ao ultraje, os Parintintins atiravam-se do alto da barreira sobre o rio, de arco em riste, objectivando o batelão sinistro e desolador, de cujas bordas os expedicionarios deflagravam os seus rifles, certamente, produzindo o aniquilamento e a morte.

Terminada a triste hecatombe, verificou-se que os ultimos guerreiros indigenas haviam fugido, levando consigo os cadaveres de seus companheiros, como prova de que a bravura e a honra constituem o apanagio de uma raça a quem o infortunio humano nunca pode vencer.

Os expedicionarios completaram a abjecta empreitada, devastando as plantações e queimando os ranchinhos que encontraram sobre a sinistra barreira como corollario de uma obra que ainda revive entre as maldições da historia.

## II

Os antigos habitantes do rio Madeira crearam uma lenda em torno dos Parintintins, considerando-os antropophagos.

Esta lenda teve a sua origem no passado, porquanto, já em 1870, no seu relatorio lido perante a Assembléa Legislativa, o presidente da provincia do Amazonas dizia que «no districto de Santo Antonio, rio Madeira, os indios Parintintins accommeteram, na foz do rio Machados, uma ca-

não tripolada por tres pessoas, duas das quaes assassinaram a flexadas, *conduzindo os cadaveres para as festanças do costume*».

Em outros trabalhos anteriores, tambem de presidentes da provincia, encontrei diversas notas allusivas aos tradicionaes guerreiros, e quasi todas com a imputação dada a elles de antropophagos.

A verdade, porém, é que, depois de um ataque ou de uma lucta, os Parintintins não levam os cadaveres de seus inimigos para a maloca e sim os de seus companheiros, que elles têm o cuidado de enterrar, quasi sempre, á sombra de tapirys cobertos com folhas de ubim.

No posto de pacificação morreu um indio, quando alli estive, e elles sepultaram o cadaver no interior de um rancho que havia sido construido para os seus momentos de repouso.

Do inimigo elles só costumam levar a cabeça, mas a guisa de trophéo, para mostral-a ao chefe e aos companheiros que ficaram na maloca, testificando, por este modo, a realidade de seu feito.

A antropophagia não existe nem nunca existiu entre os Parintintins. Admittil-a como um facto, seria commetter uma mystificação historica que contrasta, em absoluto, com a indole dos famosos guerreiros.

Se elles são escrupulosos no asseio do corpo, lavando-se diariamente, não menos escrupulosos se mostram na alimentação, recusando-se até a comer carne de animaes criados nas suas malocas, sob o pretexto de que são tidos como *mimbab* (xerimbabos) e partilham do convivio humano.

Quando um grupo desses indios, guiado pelo encarregado do posto de pacificação, esteve em 1923 em «Tres Casas», no rio Madeira, o proprietario deste seringal, coronel Manoel de Souza Lobo, resolveu mandar matar um boi para a sua alimentação, mas, avisados dessa resolução, os Parintintins fizeram a sua recusa, allegando que não comiam carne de *mimbab*.



Mas, não é só. Os Parintintins abominavam o ovo de gallinha ou de qualquer outra ave, dando a entender que, quem o come, commette o sacrificio de um ser antes de seu nascimento.

Actualmente, seguindo o exemplo do civilizado, alguns já vão comendo ovos e até mesmo carne de boi, mas deixam vislumbiar nos seus gestos uma natural repugnancia.

Absurdo, portanto, seria admittir a hypothese da antropophagia, attribuida aos famosos guerreiros.

Os seus principaes alimentos são fructas, macacheira, milho, cará, aves, macaco, anta e outros, animaes abatidos na floresta, porque, como já disse, elles não comem os que são criados nas malocas, considerando-os como seres já humanisados.

### III

O typo dos Parintintins pouco differe do dos nossos caboclos civilizados. Elles são de côr morena, feições quasi delicadas e cabellos lisos cortados em torno da cabeça, deixando transparecer no semblante muita vivacidade e expressão.

Os homens apresentam forte compleição physica e musculos desenvolvidos, sendo alguns de mediana estatura e outros de altura regular. Usam nos braços ligas de palha ou de embira, como o unico meio de conservar a força dos musculos, e trazem o pennis envolvido por um tubo de folhas de arumã, de trinta a trinta e cinco centímetros de comprimento, parecendo assim que procuram recatal-o, por um requinte de pudor, ou visam preserval-o das mordiduras dos insectos damnhos. A primeira hypothese se me afigura mais racional, visto como, depois que a inspectoría de indios iniciou a pacificação delles, fornecendo-lhes roupas, bem raras são os que gostam de andar despídos.

A guisa de atavio, elles costumam pintar o rosto com manchas ou linhas symetricas, feitas a barro branco e tinta de jenipapo, cingindo a cabeça com *akanitaras* de pennas de

aves, em fórma de diadema, alguns arrematados por lindos enfeites de pennas da cauda da arara, que pendem sobre o espinhaço.

Quando em grupo, um ou outro se destaca á frente, de modo mais extravagante, deixando vêr o rosto, o pescoço e o thorax feiamente pintados a carvão.

Disse o auxiliar Curt, num dos seus relatorios a inspectoría de indios, que, «quando viu um desses indios, a grande distancia do posto de pacificação, teve a impressão de um homem mettido num paletot preto, sem mangas. E' dahi que vem a lenda dos habitantes do Madeira de que entre os Parintintins se encontram pessoas civilizadas e de que o tuchaua é um preto maranhense».

As mulheres, na sua maioria, são de baixa estatura, notando-se entre ellas algumas de bustos bem delineados que contrastam, em absoluto, com a exquiritice das pernas.

Costumam adornar o collo com collares de coquilhos e cingir as pernas, pouco acima do tornozello, com ligas de embira ou de fio de algodão.

A exemplo dos homens tambem gostam de pintar-se com tinta de jenipapo, nos dias de festa, procurando de preferencia o busto para alvo desses exquisitos adornos.

Os collares de contas que ellas apreciam são os das cores encarnada, azul, amarella, preta e branca. Não gostam do verde nem do rôxo, e disso nos deram uma prova no posto de pacificação, recusando alguns collares dessas côres, que lhes foram offerecidos pelos membros da expedição scientifica de Philadelphia, quando alli estiveram.

Communicativos e joviaes, mas de uma jovialidade expansiva, os Parintintins falam com muita expressão e desenvoltura, sabendo insinuar-se, pela sympathia, no espirito de qualquer pessoa que delles se aproxima.

Os seus gestos quasi delicados, o modo de exprimir-se com o interlocutor, quando em palestra cordial, deixam a gente em completa duvida sobre o seu instincto selvagem. Disse o sr. Curt que «a conversação delles parece de gente

civilisada. As perguntas são sempre orientadas por um espirito que demonstra ter vivido em contacto com o mundo civilisado. A's vezes, no posto de pacificação, quando as suas expressões concordavam perfeitamente com a lingua *Guarany*, tinha a impressão de que estava palestrando com um paraguayo qualquer. Era notavel o esforço que faziam para ser bem comprehendidos, repetindo as phrases quando notavam que o seu interlocutor não as havia entendido bem e recorrendo á mimica com grande habilidade».

E o que se torna mais apreciavel é a tendencia artistica desses indios. Elles fazem da arte rustica o melhor systema de imitação, servindo-se de cascas de arvores para a confecção de peixes, bonecos e outras originalidades.

No igarapé Flechal deixaram varios bonecos modelados em casca e, no igarapé 9 de Janeiro, fizeram desenhos, a carvão, na casca de uma arvore, um dos quaes representando tres homens com barba, bigode e umbigo.

Eu mesmo dou testemunho dessa engenhosidade artistica. Quando em viagem pelo rio Maicy, com a expedição scientifica de Philadelphia, tres Parintintins, que nos acompanhavam, pediram lapis e papel e, sobre o pavés do batelão, esboçaram rusticamente varios arabescos, offerecendo esses *croquis* ao professor Joseph Mc. Goldrick, que os guardou com fraternal carinho.

#### IV

E' deveras curioso o modo pelo qual os Parintintins systematisam a vida conjugal.

O homem, considerado como ente superior á mulher, é sujeito á monogamia até a idade da maturidade, podendo, nesta phase, escolher outra companheira, mas nunca exceder dos limites da bigamia.

O pedido nupcial é feito pelo pretendente, ao pae da noiva, podendo a nubente ser de maior ou menor idade, até mesmo infanta.

Succede, porém, que, se a menor é creança, o contraente espera que ella attinja o periodo da puberdade para poder realizar o casamento.

Alguns pretendentes costumam tutelar a noiva impubere, desde o momento do contracto nupcial, levando-a livremente para a sua maloca, onde tratam-na com solicitude e desvelo, guardando o devido acatamento á honestidade da menor até o periodo em que é permittida a ligação marital.

Como exemplo, menciono de passagem o caso do indio Diahly que, residindo numa das malocas do Maicy Grande, ha mais de cinco annos tem em sua companhia uma noiva impubere, que é tratada com o devido respeito.

Aproveitando a nossa estadia no posto de pacificação, um trabalhador teve a idéa de inquirir a Diahly, por curiosidade, sobre se elle já havia realisado o casamento com a noiva. A pergunta não produziu nenhum aborrecimento no espirito do selvicola, mas foi com um certo ar de sobriedade que elle articulou de prompto a resposta, accentuando com visivel respeito:

*Ar-han! tuim.* (Não! ella é pequenina).

O mais curioso é que, existindo entre os Parintintins duas facções, que, embora unidas, tomaram familiarmente as denominações de *Coandú* e *Mutum*, succede que um indio *Coandú* só póde casar com uma india *Mutum*, e vice-versa, não sendo licito a nenhum selvicola infringir este preceito com a escolha de qualquer india pertencente ao seu grupo.

Os homens casados são ciosos da honra de suas esposas, nunca permittindo que ellas pratiquem qualquer acto desairoso á fidelidade conjugal.

As mulheres não têm o menor resguardo parturial. Dão á luz a creança em qualquer parte e, após a *delivrance*, banham o recém-nascido no igarapé mais proximo, depois friccionando-lhe o corpo com tinta de urucú e aquecendo-o ao calor de fogueiras.

Ellas são amorosas para com os seus filhinhos, costumando trazel-os, quando em viagem, abrigados numa tipóia

tecida de algodão e tingida a tinta de urucú. Essa tipoia, disposta a tiracollo, é bastante larga e folgada, de modo que a creancinha não encontra dificuldade nos seus movimentos, quando procura alimentar-se do leite materno.

## V

A dança é uma das distrações predilectas dos índios Parintintins e varia nas suas modalidades conforme o acto pelo qual elles procuram exprimir o seu regosijo intimo na vida do lar, ou o seu entusiasmo pelos grandes feitos bellicosos.

Nas festas communs, em que predomina apenas o espirito de recreação, a dança delles é tão banal e descolorida de poesia que não provoca a menor sensação a quem quer que tenha o ensejo de observá-la.

Parece até uma simulação de marcha militar, como se esses índios já tivessem experimentado a vida da caserna.

Dispostos em fila, no terreiro, elles marcham de frente até uma certa distancia e tornam a voltar ao ponto de partida, de vez em quando soprando as suas gaitas de bambú ou dando pigarros isolados como quem está preparando a garganta para um grande concerto.

Nesse *vai-vem*, passam alguns minutos, marchando com a sua natural severidade, e depois começam a cantar em côro esta canção ditada pelo sentimento de sua alma rustica:

Niuárundê  
Coáro caiú,  
Cupaiuê,  
Itakihé ihú  
Erenicuaba hé.

A dança guerreira tem um caracter mui diverso e apresenta certa analogia com a dos antigos e famosos tupy-nambás.

Elles se collocam na configuração de um circulo, com as mãos postadas nos hombros, uns dos outros, e, deste modo, volteando e batendo cadencialmente com o pé direito no solo, deixam perceber o som rithmico do passo que se confunde com os rumores dos guisos de tucumã, seguros por uma liga que lhes cinge a perna, pouco acima do tornozelo

Os rumores desses volteios são entrecortados pelas notas que arrancam, ao mesmo tempo, das suas gaitas de bambú, simulando o canto da inambú.

Cada uma das pausas que costumam fazer, no decurso da dança, é sempre arrematada pela exclamação estridulante de *hia! hia! hia!*, que representa, no seu symbolismo, o verdadeiro grito de guerra dos Parintintins.

Dentre o conjunto das canções desses índios, observei uma quasi plangente e suave, que se destaca do canto indigena dando-me a idéa de que os Parintintins a aprenderam antigamente, ouvindo-a talvez de algum seringueiro em sua barraca.

Ouvi essa canção por muitas vezes, cantada no posto de pacificação pelo índio Van-van Gatuhy, e, muito embora não tenha tido a feliz lembrança de decorar a letra, consegui assimilar a musica e entoal-a em presença do comisor Mendo Luna, que se dignou de tirar a copia que ora reproduzo, em *cliché*, á guisa de curiosidade.

A outra copia musical, que figura acima, foi apanhada pelo compositor Mozart Donizetti, com o concurso dos índios Yuaká e Diré, que visitaram, ultimamente, a nossa capital.

## VI

A idéa do sobrenatural não é extranha ao espirito dos Parintintins.

Elles acreditam na existencia de um Deus supremo, chamado Tupan, cujo poder se manifesta no estridor do trovão e preside a todos os designios dos mundos objectivo e subjectivo.



Ao lado desse deus ha outras divindades de menor grandeza, entre as quaes figuram Yahê (lua) e Kaihú (as constellações).

Dizem os Parintintins que, quando um indio succumbe, Kaihú baixa á terra, transfigurada num grande macaco, e leva a alma do morto para as regiões do Ivag (céo), tornando-se o seu eterno guia na vida exterior.

O curto periodo de estadia no rio Maicy-mirim, não me permittiu investigar sobre a influencia que, para esses indios, Yahê e outras divindades exercem nos destinos dos seres e das coisas.

Notei que elles acreditam na existencia do Anhangá, o espirito maligno que, occultamente, os persegue na terra, tornando-os victimas de revezes e dos males epidemicos que, ás vezes, produzem verdadeira calamidade nas malocas.

E' por isto que, quando o *habitat* é assolado por qualquer flagello, os Parintintins abandonam as suas velhas habitações e vão construir outras em zonas mais distantes, para lhes servir de domicilio temporario, fugindo assim á sanha do inimigo occulto.

Supersticiosos como qualquer selvagem, elles acreditam que, em certas epochas, o pagé da tribu tem o dom de curar doencas, repellir o genio do mal, abrandar a ira dos elementos e fazer milagres em qualquer aventura.

E' assim que, quando adocece um indio menor, o pae tem o cuidado de apresental-o ao pagé, com o fim de soprar na creança, livrando-a do espirito maligno.

Nos momentos de ameaça de borrasca, quando estão em serviço, recorrem tambem ao poder mysterioso do pagé, pedindo-lhe para dissipar, com um sopro, as densas nuvens que fluctuam no espaço.

Mas, não é só. Ao expirar da tarde, sempre que se encontram internados nas brenhas, adverfem o pagé a soprar para as bandas do poente, acreditando que o sopro accenderá o globo do sol que descamba, e lhes dará luz para illuminar o caminho que se prolonga até a maloca.

Elles têm um immenso pavor do poder fetichista dos indios *Odiahub*, que habitam os centros mais distantes do rio Branco, outro affluente do Marmellos. Dizem que, acirrados pela vingança, os *Odiahub* costumam enviar-lhes, á noite, grandes morcegos, que lhes roubam os cabellos, applicando-os nos processos de bruxaria que transmittem os peores males ás malocas.

E acontece que, toda vez que se referem ás façanhas dos seus adversarios, não podem esconder a sua timidez fetichista, exclamando com espanto: *tira-hum! tira-hum!*, que quer dizer: ruim! ruim!

Os *Odiahub* falam o mesmo dialecto e adoptam quasi os mesmos costumes dos Parintintins, havendo, todavia, entre os dois grupos indigenas, um requinte de hostilidade, oriundo de sua indole guerreira, que os tornam inimigos rancorosos.

Ao contrario dos Parintintins, que costumam cortar os cabellos em torno da cabeça, os *Odiahub* conservam-n'os bastos e compridos; mas, a exemplo daquelles, tambem trazem o pennis envolvido por um tubo de folhas de arumã, de maior comprimento. Os seus akanitaras são feitos de pennas de japú e arara vermelha, e as flechas apresentam o mesmo feitio e os mesmos adornos que se observam nas armas guerreiras dos Parintintins.

## VII

E' na guerra que os Parintintins se mostram ciosos do seu valor e orgulhosos de sua coragem varonil.

Quando feridos na sua honra, ou humilhados na sua altivez, são capazes de todas as aventuras, não sabendo recuar em face do inimigo.

Vencel-os na floresta é coisa bem difficil, porque são expeditos na descarga de suas flechas, certos na pontaria e previdentes na escolha das posições, sabendo fazer trincheiras dos troncos das arvores ou avançar, quasi de rastros,



para não serem lóbrigados pelos olhares argutos do contendor

A lucta para elles nunca foi um sport. Disse muito bem o sr. Curt, em relatório, que ella «é uma natural consequencia das muitas refregas que, desde gerações, vinham mantendo contra os invasores de suas terras, luctas em que se tornaram temidos e respeitados e que lhes deu a consciencia de sua superioridade guerreira».

Nos seus ataques ao posto de pacificação nunca surgiam da matta fechada; vinham sempre pelos caminhos que, partindo do centro, davam ingresso para a area em que se encontra localizado o estabelecimento. Era habito atirarem todos ao mesmo tempo e, quando as flechas já vinham descendo, rompiam numa gritaria infernal. A's vezes, ao descarregar as suas armas, faziam meia volta e, brandindo o arco, atiravam novamente.

E' ainda opinião do sr. Curt que, «na lucta, esses indios não têm chefe nem tuchaua; cada um peleja por conta propria. E a prova é que, cessado um dos ataques ao posto, enquanto alguns delles palestravam amistosamente com o seu protector, guardando pequena distancia; outros o deixavam com a vida em perigo, com algumas flechadas, o que não poderia acontecer se estivessem sob o mando de uma só pessoa».

A verdade, porém, é que isto só póde ocorrer no momento da lucta, porque, antes de partir para uma guerra contra qualquer tribu inimiga, os Parintintins recebem do chefe as necessarias instrucções, e é perante elle que prestam o juramento de honra.

Tive o ensejo de presenciar a simulação dessa cerimonia, em companhia da expedição scientifica de Philadelphia, que commigo fôra ao Maicy-mirim, e confesso que as minhas emoções tocaram ao auge pela elevação moral dos famosos guerreiros.

A scena se passou no posto de pacificação, numa noite clara do mez de junho de 1923, em que as pulverizações divinas do luar prateavam, de cheio, o limpo do barranco.

Muitos Parintintins, postados silenciosamente, na configuração de um semi-circulo, curvaram reverentemente a cabeça e cravaram os olhos no chão, ostentando na mão esquerda as suas armas de guerra.

No meio deste aspecto de gravidade, surgiram tres indios, dentro do semi-circulo, sendo que o primeiro, que vinha á frente, encarnava o papel de chefe; o segundo o de pagé, o terceiro, o de ajudante.

Cantando a principio uma canção guerreira, em que se sentia o calor do entusiasmo, os tres fizeram depois uma breve pausa e começaram a percorrer o semi-circulo, a passos lentos, parando em presença de cada um dos guerreiros, a partir do primeiro, que permanecia na extremidade do lado direito. Toda vez que estacava, o chefe servia-se de uma cuia, que tinha á mão, e, mergulhando-a no jamarú que era conduzido pelo pagé, cheio de *cauim*, dava a bebida ao valoroso guerreiro, exclamando com emphase: «*Koró dé iuirapá!*, que se traduz por «forte no teu arco».

O ajudante levava um outro jamarú com agua, servindo este liquido ao guerreiro, depois que elle tomava o *cauim*.

Terminado este acto, o chefe fez collocar os jamarús á pequena distancia, deante do semi-circulo, e os guerreiros, obedecendo a uma só voz, levantaram a cabeça e enristaram celeremente os seus arcos, dando uma descarga certeira sobre os utensilios.

Esta arremettida foi acompanhada pelos estridulantes gritos de *hia! hia! hia!*, que os Parintintins arrancaram do peito com indizível entusiasmo.

O simples relato desta cerimonia define bem a elevação moral com que os heroicos selvicolas costumam encarar as suas responsabilidades na guerra.



# A Pacificação

1921-1924

## I

A pacificação dos Parintintins é o assumpto que abrange a segunda parte deste modesto trabalho, certamente a mais importante, porque visa mostrar não só o esforço e a competência como a paciente constancia com que a inspectoría do Serviço de Protecção aos Indios no Amazonas e Acre, sem o menor derramamento de sangue, conseguiu deitar por terra a lenda do instincto indomavel da heroica tribu, que occupa a parte central das terras limitadas pela margem do Madeira e pelos altos rios Ipixuna, Uruapiara, Maicy e Maicy-mirim.

E' sabido que as tentativas da pacificação foram iniciadas em 1916, pela Missão Rondon, que havia mandado á região do Madeira o Capitão João Portatil da Silva, com os elementos necessarios, não tendo este heroe logrado exito, porque, quando fazia os seus reconhecimentos, através da floresta, foi colhido por uma pertinaz enfermidade, que o obrigou a recuar do espinhoso objectivo.

Perdida a primeira cartada, outro pioneiro da Misão Rondon, o Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, inspector de indios, avocou a reponsabilidade da penosa tarefa, entendendo, em 1917, uma viagem de observação aos centros dos seringaes «Lago Verde», no Gy-Paraná; «Tres Casas», «Padua», «Santa Victoria» e «Livramento», no rio Madeira.

Realisada a importante excursão, depois da qual conseguiu ultimar os seus estudos e esboçar o seu plano de acção, o inspector Bento Lemos invocou o concurso do distincto

Major de Engenheiros, Dr. Emmanuel Sylvestre do Amarante, para a fundação, em março de 1921, de um posto de vigilância no medio rio Maicy, affluente do Marmellos, destinado a servir de base aos trabalhos da pacificação.

A utilidade desse posto não se fez esperar, pois conseguiu localizar e reter, como ainda retem, os indios Pirahans (Muras) que costumavam invadir a zona limitrophe dos Parintintins, no rio Maicy-mirim, — triste scenario onde as duas tribus se chocavam, em sangrentas guerrilhas, tornando cada vez mais ferrenho o odio que alargava o circulo das suas rivalidades bellicosas.

Obtida a cessação dessas hostilidades, com a concentração dos Pirahans, naquelle posto, o inspector Bento Lemos confiou a chefia dos serviços da pacificação ao auxiliar Curt Nimuendajú, que, anteriormente havia servido nas inspectorias de indios de São Paulo e Maranhão, collaborando na pacificação de tribus selvagens.

Como preliminar, o auxiliar Curt realizou, em setembro de 1921, uma viagem de reconhecimento aos centros dos seringaes «Tres Casas» e «Padua», no rio Madeira, tendo por fim a determinação da zona permanentemente habitada pelos Parintintins e a exploração das vias que offerecessem facilidade de communicações com a referida zona.

Em fevereiro de 1922, procedeu ao segundo reconhecimento, que visou os rios Maicy, Maicy-mirim e alguns de seus affluentes, tendo apresentado minucioso relatório, do qual vislumbram os seguintes topicos:

«O Maicy se forma de dois braços somente, sendo o braço oriental um pouco maior que o occidental. Da confluencia para baixo, as voltas do rio se tornam sensivelmente mais extensas e dilatadas, conservando-se assim invariavelmente até perto da bocca, no Marmellos.

A zona habitada pelos Parintintins começa em ambos os braços do Maicy, ha umas quatro leguas acima da confluencia.

Só vi delles vestigios e moradas abandonadas.

Subindo primeiro pelo Maicy-mirim, encontrei uma ranchação de oito tapirys dos Parintintins. Datava de mais de um anno. Nesta ranchação havia pernoitado Caetano Cetauro, quando por alli desceu em maio de 1921. Vimos ainda as arrumações de cosinha d'elle e uma arvore onde estavam as lettras S. D. M. (Sizino D. Monteiro).

No dia seguinte, encontrei a primeira capoeira com um rancho, já em parte alagado pela enchente. Seguiu-se outra ranchação e depois outra capoeira, tudo abaixo do igarapé 9 de Janeiro.

Acima deste ponto, verifiquei os ranchos que eu já havia visto no primeiro reconhecimento. Num delles encontrei vestigios novos, de uma a duas semanas, apenas.

A palha da cobertura do rancho datava de tres epochas diferentes, sendo as folhas do ultimo concerto ainda verdes.

No 9 de Janeiro só encontrei os esteios de uma maloca velha, no fundo de uma capoeira. A cobertura estava queimada. Achei tambem na barreira desse logar cacos de uma igaçaba, prova de que o referido igarapé, antes dos tempos dos Parintintins, já esteve habitado por outras nações de indios.

Subindo pelo braço do grande Maicy, vi primeiro, perto da bocca, duas capoeiras já muito antigas. Depois appareceram vestigios de um pescador nas moitas da beira e um ninho de japiim, arrancado.

Na tarde do mesmo dia achou-se a bocca de um caminho antigo, na margem direita, e os restos de uma fogueira, e, quando encostamos o batelão para caçar uns coatás, encontraram os caçadores um logar, onde, fazia uma semana, havia encostado uma canôa. Uns ramos cortados levavam direito para um páo, no interior da matta, de cuja casca tinham tirado tres pedacinhos, como se fosse para um remedio.

Passei depois por uma enorme barreira, na margem esquerda, de 25 metros de altura por 250 a 300 metros de comprimento, encontrando uma capoeira de dois annos, com quatro ranchos grandes. Desembarquei e revistei o logar. Um caminho limpo levava do porto á maloca de quatro ranchos,



no interior da capoeira. Os ranchos haviam sido feitos no tempo em que a roça deu fructos, mas, muito depois, talvez no fim de 1921, ainda havia sido habitado: ao menos um delles. Na beira da fogueira, vimos enormes sabugos de milho; medi um: tinha 37 centímetros de comprimento. Um pilão cylindrico com 2 1/2 palmos de bocca e 4 palmos de altura, estava deitado no chão, com a mão ao lado. Este rancho media folgadoamente 8x6 e os esteios da cumieira tinham uma altura de mais de 3 metros. Havia por dentro 8 esteios grossos e, por fóra, 9 mais finos, formando uma especie de varanda. A cobertura era feita de pannos de ubim, bem tecidos, em baixo, e, em cima, folhas de uauaçú. Ao pé de um dos esteios achava-se uma pequena gaiola, de varinhas verticaes, fechada com palha, por cima. Na capoeira havia ainda bananeiras, mamoeiros e urucuzeiros».

## II

No dia 31 de março de 1922, o auxiliar Curt Nimuendajú chegou ao local destinado ao posto de pacificação com a sua expedição composta de 22 trabalhadores, 2 carpinteiros e um auxiliar, encarregado do material, procedendo, desde logo, ao brocamento da respectiva area e ao levantamento de dois ranchos provisórios, um dos quaes servia de cozinha e abrigo do pessoal e, outro, de deposito do material, munições de bocca e outras mercadorias.

Os expedicionarios tiveram de passar alguns dias amargos, sujeitos ao desconforto e ás incertezas da vida, por isso que, somente a 13 de abril foi que ultimaram a construcção do barracão definitivo, provendo-o de paredes e cobertura de zinco. O proprio ficara situado num terreno dominante, que faz frente, pelo lado Norte, com o rio Maicy-mirim, correndo a Leste, em fórma de pontal, uma nesga de terra que se inclina até o ponto de confluencia daquelle rio com o igarapé 9 de Janeiro. Dos lados Sul e Oeste, a area brocada se communica com dois antigos varadoiros dos

Parintintins, um dos quaes facilita o transito para o centro do seringal «Paraiso», no rio Madeira.

Ultimada a installação do posto, o auxiliar Curt, acompanhado de alguns trabalhadores, internou-se pelos caminhos terrestres, trilhados pelos indios, inaugurando postos de brindes nos trechos em que havia capoeiras e outros indicios palpaveis da passagem dos Parintintins. Percorreu depois, em canôas, solitarias paragens dos igarapés 9 de Janeiro, Macacos e Trahira, levantando outros postos de brindes em logares suspeitos das margens, onde cascas de ouriço, ninhos arrancados e rastros humanos, visivelmente assignalados no solo, indicavam a ronda habitual da famosa tribu.

Realisada esta arriscada aventura, desceu elle o rio Maicy-mirim para inaugurar outros postos de brindes nos caminhos anteriormente constatados. A viagem foi coroada de grande exito, porque, dois dias abaixo do posto de pacificação, encontrou galhos quebrados e fragmentos de casca a denotar que, depois do segundo reconhecimento, os Parintintins haviam sahido.

Que fez elle? Encostou a canôa nessa paragem silenciosa, desembarcou e subiu o declive de uma barreira dominante, em cujo alto sentiu os olhares presos nas ruinas de uma velha maloca. Elle mesmo se incumbiu de esboçar o quadro desse suggestivo logar. «Tres esteios enormes, de quasi seis metros de altura e mais de vinte centímetros de diametro tinham sustentado a cumieira, hoje já cahida. O comprimento da casa tinha sido de uns vinte metros. Situada no fundo de um remanso, num alto que governa dois estirões do rio, aquella maloca, quando ainda estava habitada, deve ter sido um dos logares mais lindos do Maicy. Por muito tempo não pude tirar a vista desta tapera. Pensei nos tempos em que as rêdes, vermelhas de urucú, ainda alli estavam atadas de esteio em esteio, quando a fumaça fina e azul subia das fogueiras; vi as creanças que então brincavam ao pé da collina, no porto da maloca, e o caçador que, suspendendo o caetitú, que matara, do fundo da canôa de casca, subira com elle a ladeira, entre os commentarios alegres das mu-

Iheres Ha uns quatro ou cinco annos já, este quadro se tinha transformado. A invasão dos incendiarios peruanos havia obrigado os Parintintins a abandonarem esta linda morada e a refugiarem-se da beira de seu rio para o centro das terras, ficando alli em pé, sós, como mudo protesto contra a injustiça soffrida, os esteios ennegrecidos de sua maloca. Mas, não tardou muito que eu tivesse de ouvir este protesto, feito pelos indios á viva voz».

Os postos de brindes nada mais eram que tapirys isolados, cobertos por uma ou duas folhas de zinco. Debaixo delles, a salvo das chuvas, eram collocados cestos crivados de anneis, collares e fios de missanga, terçados, machados, facas, utensilios e outros objectos, alguns dos quaes pendiam interiormente do tecto de zinco, suspensos por cordões. Eram estes os presentes com que os pacificadores visavam não só conquistar a amizade dos selvagens como provel-os de instrumentos modernos que, substituindo os de uso primitivo, podessem facilitar-lhes a actividade na lavoura e na pequena industria.

Depois da inauguração desses postos, os Parintintins começaram a retirar os objectos, furtivamente, deixando no logar estrepes e flechas fincadas no solo, como signal evidente de que tinham desconfiança dos intuitos de seus protectores e com elles não queriam relações.

O auxiliar Curt visitava de vez em quando esses postos, cautelosamente, para renovar as provisões de brindes, tendo sempre o cuidado de amarrar pequenos objectos nas hastes das flechas que, deixadas pelos Parintintins, continuavam fincadas nos mesmos logares.

Numa dessas perigosas visitas havia elle atravessado uma capoeira, a grande distancia do posto, quando viu no caminho que trilhava, por detraz de uma arvore cahida, em sentido transversal, tres pontas de flecha, fincadas obliquamente no chão, formando um angulo de 50 a 60 graus.

Era a astucia dos Parintintins que, deste modo, havia preparado uma cilada para os seus pacificadores, sendo de

notar que, por pouco, um trabalhador não fôra victima de uma estrepada.

Proseguindo cautelosamente na sua marcha e sondando o caminho com uma vara, mais adiante o auxiliar encontrou mais dois estrepes, em identicas condições, ambos recatados por uma folha de arvore, para disfarce.

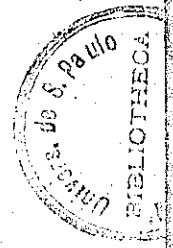
Noutra occasião, andando pela matta com quatro homens, para verificar outros postos de brindes, notou que um delles, tambem localizado numa capoeira, não havia sido revistado pelos indios, pois as flechas que, dias antes, havia deixado como presente, ainda permaneciam no mesmo estado, conservando os objectos que pendiam de suas hastes, inclusive uma lima de ferro.

Continuou no seu trajecto, percorrendo mais alguns trechos do caminho, e, na volta, passando por um pequeno desvio, que corta o trilho dos indios, á beira do igarapé 9 de Janeiro, deparou no chão com a mesma lima de ferro que, minutos antes, estava no posto de brindes da capoeira.

O caso despertou grande surpresa, e foi então que o auxiliar Curt comprehendeu que os Parintintins o acompanhavam occultamente.

Seguiram-se a estes, muitos outros expedientes curiosos dos famosos guerreiros. Muitas vezes, aos primeiros albores da manhã ou nas horas silenciosas da tarde, os trabalhadores do posto ouviam roncões de caetitú, guinchos de macaco e pios de inambú, que partiam das mattas adjacentes. Eram os indios que, na sua ronda occulta, imitando esses animaes com admiravel pericia, procuravam attrahir os caçadores do posto ao local, onde, provavelmente, estavam bem seguros e dispostos a apanhar a presa.

Esses planos, todavia, nunca surtiram effeito. A prudencia era a verdadeira conselheira daquelles heróes que, num gesto de abnegação civica, haviam tomado a tarefa de arrancar das selvas para a civilisação uma tribu notavel pelas suas velhas tradições.



III

O primeiro ataque dos Parintintins ao posto de pacificação ocorreu a 16 de abril de 1922.

Era domingo. O sol loirejava com os seus raios a floresta e aljofrava a superfície calma do rio Maicy-mirim, enchendo de poesia aquelle recanto solitario.

No interior do barracão, sobre um estrado de taboas que servia de mesa, o auxiliar Curt almoçava com o diarista Amaro José de Oliveira e os dois carpinteiros. Os trabalhadores, já tendo feito as suas refeições, palestravam despreocupadamente no terreiro, excepto o de nome Raymundo Baptista, que havia rumado para a matta proxima, a poucos metros de distancia.

Era esta a situação do posto, quando, de subito, do lado do Oeste, ao fundo da area brocada, partiram echos estranhos e estridulantes: os gritos de guerra dos Parintintins!

A sentinella deu logo o alarme e, depressa, o auxiliar Curt fez postar o seu pessoal por traz do acampamento, collocando-o ao abrigo das paredes de zinco.

Os Parintintins, em numero limitado, vinham por terra abeirando o rio, por um trilho da margem direita, mas, a cem metros de distancia, sentindo a presença dos trabalhadores, recuaram um pouco á direita do trilho, agachando-se cautelosamente na matta, onde tiraram as capas de folhas que envolviam as pontas de suas flechas.

O momento era de grave expectativa para o trabalhador Raymundo Baptista, que, estando no escuro da matta, do lado esquerdo do trilho, poudo observar os selvagens sem ser presentido, tal a protecção que um milagre da sorte lhe dispensara naquelle instante.

Teve pavor, mas não perdeu a necessaria calma, conservando-se immovel no seu esconderijo.

Momentos depois, quando os indios já haviam retomado o trilho, chegando ao ponto que desembocca na broca do acampamento, Baptista poudo vêr que um delles, agachado, espreitava curiosamente a área devassada, como quem procura sondar as profundezas de uma gruta mysteriosa.

Nesta delicada emergencia, tratou de correr, tomando a picada que abeira o rio e passando rente aos indios, em demanda do posto, onde o pessoal se mantinha na expectativa dos acontecimentos.

Os Parintintins ficaram como que vacillantes ante aquelle homem extranho, que surgira mysteriosamente da floresta, com a celeridade de um corcel, de modo que, só quando elle já havia alcançado o terreiro do posto, foi que desferiram algumas flechas, rompendo nos seus gritos de guerra e penetrando de novo na matta, pela picada do perimetro.

Pouco depois, notando que o pessoal do posto se mantinha calmo, sem nenhum gesto de hostilidade, os indios rodearam o acampamento pelo lado do Sul, entre o rendilhado da floresta que o contorna, indo tomar posição a Leste, no ponto de confluencia do Maicy-mirim com o igarapé 9 de Janeiro. Ahi treparam numa arvore frondosa e, escondidos entre os galhos, se detiveram por mais de meia hora em observar o acampamento.

Depois, escorregando da arvore e levantando os seus gritos de guerra, sumiram-se pela margem do igarapé 9 de Janeiro.

O auxiliar Curt, tomando pressurosamente uma canôa, com tres homens, seguiu no encalço dos Parintintins, conseguindo lorigal-os a uma certa distancia. Dahi levantou as mãos, que sustinham dois machados e dois terçados, gritando na lingua geral: — «Parentes! Não faço mal a vocês! Aqui tem terçados para vocês!» Mas já a sombra dos Parintintins ia desaparecendo no rendilhado da matta.

Diz o auxiliar Curt que, se gritou na lingua geral, felo com pouca esperanza de ser entendido e mais para que elles notassem, na entonação de sua voz, que não estava zangado e, antes, os convidava para alguma coisa.



IV

Decorridos alguns dias de treguas, após o primeiro encontro com os índios, o pessoal do posto foi, no dia 28 de abril, surpreendido por um novo ataque.

Eram sete horas da manhã. Calmo e isolado na angustura de seu quarto, onde ruminava algumas idéas, de repente o auxiliar Curt sentiu o estalo de uma flecha no zinco do barracão. A esse tempo, dirigindo-se á cosinha, um dos trabalhadores notou que outras flechas vinham voando do canto sudoeste da cerca que protege o barracão, sem poder, no entanto, divulgar os atiradores. Abrigou-se atrás da parede da cosinha, enquanto os índios, de dentro de um igapó, que fica a cinquenta metros do posto, rompiam nos seus gritos costumeiros, de vez em quando arremedando tiros de rifle.

Ao contrario dos brados de guerra do primeiro encontro, os gritos de agora pareciam pouco animados e sem expressão.

O auxiliar Curt assomou então o barranco, chamando os Parintintins, mas elles não ligaram ao caso a menor importancia, fugindo immediatamente, de sorte que, em menos de vinte segundos, tudo estava outra vez em silencio.

Uma das flechas havia atravessado a janella do quarto dos trabalhadores, que estava aberta, resvalando e fincando-se no chão. Outra attingira o terreiro, atrás da cosinha. A terceira, em cima da coivara, na beira do terreno, e mais duas outras caíram na roça, em frente ao barracão. Com excepção de uma, as flechas eram velhas, com pontas gastas, faltando em algumas as características pennas de tucano.

Mais tarde, fazendo demorada pesquisa, o auxiliar verificou que os índios, na retirada, haviam levado os presentes de um posto de brindes, situado nas proximidades do acampamento. A uns cem metros do referido posto, trilhando uma picada, que abeira o igapó, encontrou no chão

duas flechas e uma terceira atravessada por cima dellas, com a ponta ligeiramente espetada na terra. Pouco adiante havia duas outras flechas, bem juntas, com as pontas cravadas no solo e as outras extremidades em cima de um cipó horizontal; e, finalmente, mais acima, tres outras flechas, num feixe, todas novas e bonitas, tendo cada uma um ornato gravado na ponta da taquara.

Compreendeu que ellas haviam sido deixadas alli pelos índios, como dadas e, por isso, as recolheu ao posto, ficando no lugar uma vara com um lenço, tendo este amarrado em uma das pontas um punhado de missangas. A ponta dessa vara indicava a direcção de um dos postos de brindes, situado nas immediações.

Amorteciam as ultimas impressões desse ataque, quando, no dia 4 de maio, procedendo á abertura de sargetas em torno do barracão, o pessoal notou que, do pontal, do lado do igarapé 9 de Janeiro, partia um enchame de flechas, que vinham cair sobre as aguas do Maicy-mirim, sem que ao menos uma alcançasse a divisa do acampamento.

Eram os Parintintins que lá se achavam e que depois, fazendo grande algazarra, começaram a retirar-se pela margem direita do igarapé acima, sem grande pressa.

Desta vez, no meio do alarido, o sr. Curt ouviu expressões que pareciam ter a entoação de insultos e imprecações.

Chamando os índios, com calma e pronunciando bem as palavras dialecticas, notou que elles, por um momento, pareciam prestar alguma attenção. Mas, logo redobram a algazarra e desapareceram no labiryntho da matta.

O auxiliar apanhou as flechas, em numero de dezeseite, verificando que, com excepção de tres, as demais eram de rapazolas de 15 annos. Algumas apresentavam lindos enfeites de pennas de cabeça de mutum, de anambé e de ariramba da matta, notando-se que uma outra, com ponta de pão dentada e emplumação tangencial, differia sensivelmente do typo commum das flechas dos Parintintins, lembrando mais o typo das armas dos Apiacás.

## V

A terceira tentativa dos Parintintins foi quasi um romance para os seus pacificadores, tal a variedade das scenas que se desenrolaram, cada qual a mais curiosa.

Ja alta a manhã de 28 de maio, entre os beijos de um sol encantador, quando, do lado do pontal, partiram os primeiros rumores de vozes confusas, entrecortadas de pavorosa chuva de flechas.

Voando na direcção do acampamento, como pontos de exclamação que riscavam o espaço, algumas dessas flechas cahiram no terreiro e outras estalaram no zinco do barracão. Espreitando o scenario por uma fresta, o auxiliar Curt notou que, instantes depois, tendo forçado a porteira da cerca de arame farpada, que protegia a area do posto, do lado Leste, os Parintintins entravam afoitamente no terreiro, com os seus arcos em riste, como que preparados para uma grande lucta.

Evitando o perigo, ordenou que o seu pessoal simulasse uma ostentação de força, armado de rifle, e, por este meio, conseguiu intimidar os selvagens, que, na supposição de uma repulsa, recuaram do local, postando-se fóra da cerca.

Foi então que, assomando ao terreiro, com alguns brindes nas mãos, o auxiliar chamou os selvicolas e, não sendo attendido, approximou-se da porteira, onde deixou uma bacia com terçados, machados e outros objectos, recuando immediatamente.

Os Parintintins approximaram-se da porteira e retiraram a bacia com os brindes, levando-os para o pontal, onde fizeram a distribuição e depois treparam nas arvores, atirando, a esmo, algumas flechas.

Esta scena precedeu a outras não menos originaes. Num dos momentos de tregua, descendo corajosamente o barranco e chegando até a beira do rio, o sr. Surt observou que, da margem opposta, a pequena distancia, dois indios lhe dirigiam a fala, exclamando com insistencia *hemú!*, (meu com-

panheiro?), pronunciando *akanitara* (diadema de pennas) e dizendo *bacia*, em portuguez claro. Um terceiro, de 15 annos presumiveis, se mantinha contrario á serenidade dos companheiros. O seu olhar faiscara de indignação, quando viu que um delles, tirando da cabeça um *akanitara*, fazia menção de offerecel-o ao auxiliar. E tão excessiva era a colera desse indio que, não possuindo mais flechas, fazia o movimento de atirar, gritava, batia o pé e, de instante a instante, á guisa de mofa, imitava os gestos que o sr. Curt fazia com os braços.

O auxiliar mandou buscar uma bacia com missangas e, quando o trabalhador Raymundo Baptista chegava á beira do rio para deital-a sobre as aguas, um indio atirou uma flecha, que, por pouco, não o attingiu.

A despeito disso, o sr. Curt convidou os indios a que atravessassem o rio e viessem buscar a bacia, mas elles ficaram hesitantes, de sorte que, só depois de um breve intervallo foi que um delles, recobrando o animo, atravessou cautelosamente o rio e veio buscar o objecto, que fluctuava sobre as aguas, voltando em seguida ao seu lugar.

Outro grupo de indios, que estava do mesmo lado, suggeriu um systema curioso para a permuta de objectos. Fincou, na beira do rio, uma vara que tinha na outra extremidade um bonito *akanitara*, dando a entender ao sr. Curt que, na margem do posto, tambem fincasse uma vara com missangas, que depois iria buscar-a.

O auxiliar respondeu-lhe que não collocaria a vara, porque os Parintintins jogavam flechas, mas os selvagens recorreram a um expediente engraçado para lhe dar garantia: fizeram signal para elle collocar as missangas e, neste meio tempo, se puzeram a cantar e a dançar, levantando os arcos em sentido vertical, tendo um o diadema; outro, um maço de missangas amarrado na ponta.

E cantavam: *Ya taipehê! Ya taipehê!*

Emquanto quatro indios dançavam, o quinto observava os movimentos do pessoal do posto de pacificação, tomado de natural desconfiança.

O auxiliar fez a vontade delles, collocando as missangas no lugar indicado e, promptamente, um atravessou o rio e veiu buscal-as, deixando-se ficar á beira do barranco.

Os outros quatro companheiros, que haviam ficado no lado opposto, gritaram pedindo mais presentes e, quando o sr. Curt procurava attendel-os, os Parintintins que permaneciam do lado do pontal, trepados nas arvores, desceram immediatamente e tomaram posição, atirando duas flechas que, por um triz, não attingiram o alvo.

Recuando, o auxiliar objectou que não mais deitaria brindes, mas, nessa occasião, o indio que ficara no barranco do posto, approximou-se um pouco do auxiliar e, mostrando as missangas que havia apanhado, deu a entender que não fôra elle que atirara e sim os outros.

Sensibilizado, o sr. Curt foi buscar alguns brindes, acontecendo que, nesse instante, atravessando o rio, os outros quatro indios vieram juntar-se ao companheiro.

Quando o auxiliar voltou ao local, estacionando a poucos metros de distancia dos cinco selvícolas, o mais decidido amarrou um diadema num pedaço de pão e o atirou quasi aos pés do auxiliar, dizendo que apanhasse a dadiva, no que promptamente ele attendeu.

Procurando retribuir a offerta, o sr. Curt manifestou o desejo de entregar pessoalmente varias missangas ao indio, mas este recusou, exclamando: — *Emombó!* (joga).

O auxiliar não insistiu; fez a vontade do selvagem, atirando-lhe adornos, utensilios e outros objectos.

Durante esse tempo, valendo-se da curta distancia que o separava, o sr. Curt manteve animada palestra com os indios, falando a lingua *Guarany*, que muito se assemelha ao dialecto dos Parintintins. Um delles indagou se o auxiliar tinha vindo de cima ou de baixo do Caiary (Madeira) e como se chamava a terra delle, tendo o interpellado respondido que chegara de baixo do Caiary e que a sua terra ficava muito longe, do lado do sol nascente. Outro perguntou se o trabalhador Raymundo Baptista, alli presente, era filho do sr.

Curt, ao que este respondeu negativamente, dizendo que havia deixado longe a sua mulher e filhos.

Arrematando esta palestra, durante a qual obteve revelações curiosas dos selvícolas, o auxiliar inquiriu se tinham fome, obtendo, como resposta, uma nota comica, por isso que um delles fez uma careta muito triste, pondo grotescamente as mãos nas dobras da barriga vasia.

O sr. Curt mandou buscar algumas tijellas com farinha d'agua, farinha de tapioca e assucar, e comeu um pouco de tudo á vista delles, observando que viessem buscar esses generos.

Foi então que, tomado de visivel confiança, um dos selvagens, de pouca idade, approximou-se de seu protector e delle recebeu a dadiva. O sr. Curt, querendo aproveitar a occasião, tentou manter um dialogo, face a face, com o indio, mas, esquivando-se desta relação cordial, elle sahiu promptamente e, com outros, deixou o barranco do posto com destino á outra margem, onde comeram e dançaram alegremente, depois sumindo-se no seio da floresta.

Para o sr. Curt foi um successo esse episodio final, porque, pela primeira vez, um Parintintin recebeu pacificamente um objecto das mãos de um civilizado.

## VI

Apreciemos agora a acção do auxiliar Amaro José de Oliveira, que, por motivo de licença, concedida ao auxiliar Curt Nimuendajú, havia assumido, em data de 12 de junho, a chefia dos serviços da pacificação.

Na presente gestão occorreram scenas animadas, algumas no seu aspecto tragi-comico, sobresahindo as do dia 2 de julho, em que o barracão foi invadido por formidavel onda de Parintintins.

Sentindo, nesse dia, a presença dos famosos guerreiros, o auxiliar Amaro correu ao terreiro, e, tendo na mão direita uma saia de cores vivas, acenou insistentemente para os indios, que formigavam no pontal.



Destacando-se do grupo, cinco índios vieram calmamente ao barranco do posto, collocando-se a certa distancia da porteira. Um delles, de apperente velhice, já grisalho, trazia uma rêde de fio de algodão e um lindo *akanitara* feito de pennas de japú, papagaio e periquito castanho. Outro, tambem idoso, com uma sensível deformação no olho direito, era portador de um bello diadema de pennas; e, os tres ultimos, denotando o vigor da juventude, traziam arcos e flechas com adornos de pennas. Estes eram de tez clara, robustos e de musculos salientes, apresentando na decoração artificial do rosto e do corpo, varias listas de côr preta.

Chegando ao portão da cêrca, acompanhado de alguns trabalhadores, o auxiliar foi abordado pelos cinco índios, notadamente os tres jovens, que, como prova de seus intuitos benignos, atriraram ao chão as suas armas.

O sr. Amaro, dialogando com os dois velhos índios, por meio de gestos e mimicas, compreendeu então que elles desejavam permutar presentês e, satisfazendo este desejo, deu-lhes uma saia, missangas e dois fatos de mescla, recebendo, em troca, os objectos indigenas.

Convidados a entrar no terreiro, os selvicolas apresentaram a sua recusa, rumando immediatamente para o lado dos seus companheiros, que gritavam ruidosamente no pontal, de vez em quando imitando tiros de rifle.

Esta expectativa prolongou-se por algum tempo, proporcionando um espectáculo deveras pittoresco. Mas, num dado momento, o quadro tomou outra feição. Aconteceu que, deixando o pontal, todos os índios vieram, pressurosos, para o barranco do posto, dando tempo apenas a que o sr. Amaro e os trabalhadores se recolhessem cautelosamente ao barracão.

Que se viu então? Emquanto alguns demonstravam os seus bons intuitos, deixando as armas no barranco, outros arremettiam celeremente contra a cerca de arame farpado, destruindo-a em grande extensão.

Na previsão do assalto, o sr. Amaro tentou fazer uma ostentação de força, com uma descarga de rifle para o ar, mas, nesta ocasião, alguns índios, que já haviam penetrado

no terreiro, pelo portão, fizeram signaes de que não tinham nenhum proposito bellicoso.

O auxiliar reuniu então o seu pessoal na cosinha e, com moderação e confiança, permittiu que os primeiros visitantes se approximassem do barracão, dando-lhes á porta alguns presentes.

Os selvicolas receberam as dadivas, com satisfação, e procuraram manter palestra com o pessoal, mas, de subito, a onda que vinha atraz invadiu o acampamento.

Estabelecida a confusão, nem por isso foi grande o pavor daquella gente, vendo que os Parintintins, penetrando pelas demais portas do barracão, devassavam todas as suas dependencias. Havia alli essa indecisão que sempre actua nos momentos embaraçosos do perigo.

Confundido com a onda invasora, o auxiliar e seus subordinados não perderam a necessaria calma, trocando gestos amistosos com alguns índios, enquanto outros, revistando os depositos, procediam a uma verdadeira pilhagem, como se aquillo, para elles, não constituisse um roubo. A limpeza foi quasi total, pois os selvicolas levaram um relógio de parede, machados, terçados, missangas, fazendas e um paneiro com pratos esmaltados. Lançando mão de alguns volumes de milho e feijão, despejaram o conteúdo no terreiro, conduzindo apenas os saccos.

Um dos índios mais exaltados, acercando-se do trabalhador Francisco Felipe dos Santos, arrebatou-lhe o chapéo de palha da cabeça, tambem apossando-se de uma navalha de barba que elle tinha no bolso do paletot. Outro, pedindo o ultimo terçado que o sr. Amaro tinha á mão, deu-lhe em troca um arco e quatro flechas lindamente emplumadas; e, até uma velha india, que participava da pilhagem, mettu os dentês na blusa do trabalhador Mariano Lopes, arrancando todos os botões.

O auxiliar Amaro censurou um dos trabalhadores, que tentara reagir no momento, ponderando que o seu acto poderia provocar resentimentos no espirito dos Parintintins e contribuir para o entrave dos serviços de pacificação.

O mais interessante é que, após o saque, enquanto alguns índios levavam as mercadorias para o pontal, outros experimentavam as ferramentas em todos os páos que encontravam, sendo alvo o proprio mastro da bandeira, que, por pouco, não foi decepado a terçado.

Na sua retirada, a onda expediu do pontal algumas flechas, sem visar, todavia, a divisa do posto, por isso que todas cahiram sobre as aguas do Maicy-mirim.

## VII

A manhã de 21 de julho foi de immensa tristeza para o pessoal do posto de pacificação, porque acabavam de enterrar o cadaver de seu companheiro Soares dos Santos, que havia succumbido de beri-beri.

Conversava o pessoal no interior do barracão, lembrando episodios da vida do infortunado trabalhador, quando uma das sentinellas deu o alarme costumeiro, observando que um grupo de Parintintins havia apparecido no pontal.

O auxiliar Amaro correu ao terreiro e, por meio de acenos, chamou os selvicolas, que se mantinham em attitude calma e quasi todos desprovidos de armas. Alguns índios vieram promptamente á porteira, com lindos *akanitaras* de pennas de arara e mutum, destacando-se do grupo dois velhos guerreiros, que tinham as faces ataviadas de tatuagens. Um destes trazia na mão um ouriço com algumas castanhas e um pedaço de beijú.

Ingressando os visitantes no terreiro, o auxiliar Amaro e seus trabalhadores confundiram-se amistosamente com elles, fazendo permutas de objectos. Um menor, entregando ao auxiliar uma tanga, deu a entender que sua mãe havia mandado trocar esse objecto por outros, tendo o sr. Amaro lhe dado varios adornos e um fatinho de mescla. Uma india pediu ao trabalhador Antonio Lobato a calça e a blusa que elle vestia e, não sendo attendida, exclamo em tom de mofa: — *Tira-hum!* (ruim).

Entrementes, um índio que estava fora do posto, entendeu de penetrar no terreiro, pelo arame da cerca, do que resultou soffrer um ligeiro ferimento no braço direito. Um trabalhador quiz ministrar-lhe uma fricção de Maravilha, mas, tomado de desconfiança, o selvagem recusou a applicação do remedio.

A nota curiosa do dia foi constituida por um dos velhos índios, que haviam ingressado no terreiro. Este selvicola, approximando-se, por um momento, da sepultura de Soares dos Santos, que fica á pequena distancia do barracão, perguntou ao trabalhador Raymundo Baptista, por meio de gestos, se o morto não havia sido flechado pelos índios.

Como Baptista respondesse negativamente, o velho tentou revolver a sepultura, para examinar o cadaver, sendo nisso obstado.

O velho voltou então ao terreiro do barracão e, de repente, começou a dançar alacremenente, dando pulos e gritos rouquinhos que mais pareciam partidos de uma caverna. De vez em quando entrecortava a dança com gestos sinistros, fingindo brandir arcos ou entrar em lucta com espiritos malignos. Outras vezes, simulava cortar o pescoço com a mão direita, suspendendo os cabellos com a esquerda.

Quasi no final desta scena, os outros índios presentes secundaram-n'o na representação, tambem exhibindo-se com as suas danças caracteristicas.

Depois de uma hora de estadia no posto, os selvagens sahiram ruidosamente, nos seus brados de guerra, tentando um delles, na occasião, abater o mastro da bandeira.

## VIII

No dia 25 de agosto, outro grupo de índios visitou o posto, fazendo-se acompanhar de um que era cego e tinha por guia um dos seus companheiros.

Nessa visita, apanhando uma pequena lata com kerozene, que encontrara á porta do barracão, um dos selvicolas

derramou o liquido na cabeça, friccionou os cabellos e depois aspirou suavemente as emanações, poisando as mãos sobre as fossas nazaes. Outro, notando que o auxiliar Amaro havia feito a barba, alisou com as mãos as faces delle e manifestou o desejo de ser tambem barbeado.

No meio desses indios, destacava-se um com o modelo rustico de um chapéu feito de palha e guarnecido por espinhos de tucuman. Mostrando a um dos trabalhadores essa exotica armação, o selvicola fel-o comprehender que desejava um outro chapéu do mesmo typo, mas trabalhado pela mão do civilisado.

Outro cingiu a cintura com uma tira de embira para demonstrar a sua vontade de possuir um cinturão de balata igual ao que era usado por alguns dos trabalhadores.

O auxiliar Amaro deu alguns generos alimenticios a esses indios e prometteu attender ás suas encommendas, motivo pelo qual, revelando intima satisfação, elles se puzeram a dançar e a cantar, soprando as suas gaitas de bambú.

Assim passaram alguns momentos, retirando-se em seguida para o pontal.

Mais tarde, quando o pessoal se entretinha em serviços caseiros, no interior do barracão, outro grupo de Parintintins appareceu no barranco do posto, sem dar o aviso costumeiro nas immediações. Vendo que esses indios entravam pela porteira, munidos de terçados, o auxiliar Amaro fez um gesto indicativo de que os não receberia, se viessem de armas na mão.

Os aborigenes deixaram os terçados a um canto e aproximaram-se do barracão, pedindo e obtendo alguns brindes insignificantes.

Na retirada, quatro delles convidaram o trabalhador Antonio Gomes da Rocha a acompanhal-os até o portão e, sendo attendidos, ahi se detiveram em dialogo, por meio de gestos e mimicas.

Entrementes, o mais afoito pegou de um cacete e, levando á bocca uma das extremidades, simulou tocar algum

instrumento de sopro, fingindo-se despreoccupado com a palestra.

Comprehendendo que se tratava de uma cilada, o trabalhador ficou de sobreaviso, sem deixar transparecer no semblante a sua funda suspeita. De modo que, num breve instante, quando o selvicola lhe desfechava uma cacetada, soube defender-se com a precisa agilidade, pondo a cabeça a salvo do perigo.

Prudentemente, Rocha deu o grito de alarme e, quando os companheiros chegavam celeremente á porteira, os selvicolas fugiam em debandada, desapparecendo na matta proxima.

Mais tarde, quando os trabalhadores tiravam umas folhas de umbauba, na margem do igarapé 9 de Janeiro, encontraram, occultos, quattros cacetes e um maço de embira.

## IX

Uma visita não menos animada de episodios tragi-comicos foi a que os Parintintins fizeram ao posto, na manhã de 31 de agosto.

Como de costume, elles appareceram no pontal, levantando os seus gritos de guerra, e, pouco depois, vieram ter á porteira do acampamento, onde o auxiliar Amaro os recebeu com gestos de cordialidade.

Penetrando no terreiro, alguns dos selvicolas deram ao pessoal as suas armas de guerra, como prova de absoluta confiança. Outros fizeram presente de uma rêde, de bellos *akanitaras* e novellos de fio de algodão, dando tambem um mutum e um corcovado que haviam flechado em viagem. Outros ainda correram á matta proxima, de lá trazendo castanhas, que haviam deixado ás occultas.

Os mais indiscretos procediam de modo contrario, pois trepavam na paliçada da varanda do barracão e apontavam com o dedo indicador para o deposito de brindes, que já



havia sido provido pelo posto do medio rio Maicy, exclamando avidamente: *Môtéol môtéol!*

O auxiliar Amaro mandou buscar alguns presentes, inclusive quatro costumes para mulher e, quando procurava vestir uma das indias, que tomara a dianteira, a timida selvicola retrahiu-se, com um gesto de recusa, tentando fugir. Mas, nesse interim, foi advertida pelo seu companheiro e, deste modo, não só ella como as demais deixaram-se vestir, calmamente.

Terminada a ligeira distribuição de brindes, os indios puzeram-se a dançar alacremenente no terreiro, cantando as suas canções guerreiras e soprando gaitas de bambú. As mulheres, agora expansivas, procuravam dançar com os trabalhadores, os quaes se excusavam por meio de gestos delicados, permittindo apenas que ellas os levassem pela mão, até o scenario das danças.

Havia, entretanto, entre os presentes, quatro indios desconhecidos que, pela primeira vez, visitavam o posto e iniciavam as suas relações com o pessoal. Um delles, não comprehendendo uma recusa, que, por meio de gestos, lhe fizera o trabalhador João Chrysostomo, insurgiu-se contra este, armado de uma ponta de taboca, ferindo-o na região umbilical.

O facto produziu má impressão na maioria dos selvicolas, dando motivo a que elles, fallando severamente, exprobassem o procedimento do companheiro. Este deixou o terreiro e encaminhou-se para a beira do rio, de lá não mais voltando.

Terminado o incidente, alguns indios manifestaram o desejo de tomar banho com os civilizados, sendo acompanhados até o porto por quatro trabalhadores que, com elles, se atiraram ao Maicy-mirim, mantendo-se ahi por muito tempo, em exercicios de natação, o que muito aguçou a curiosidade dos Parintintins.

Por volta das dez horas, o auxiliar Amaro mandou preparar o almoço e fel-o servir aos indios, que, providos de cuias, comeram gostosamente á sombra das arvores. Depois

fizeram a sesta habitual, deitando-se alguns no solo e outros conservando-se sentados, de costas voltadas para o barracão, como prova de confiança.

Ao cair da tarde, provavelmente dominados pelo desejo de chegarem, quanto antes, ás suas malocas, os Parintintins deixaram o posto pressurosamente. Nesta retirada, sentindo que as vestes difficultavam os seus passos, as mulheres arregaçaram as saias, acima da cintura, e assim puderam seguir ás pegadas dos seus companheiros.

## X

Quando raiou o anno de 1923, o auxiliar Curt Nimuendajú, já havia retomado a chefia dos serviços de pacificação.

Curta, porém, foi a sua permanencia, pois teve de voltar novamente a Belém para tratar de serviços de seu particular interesse.

Nesta ultima estadia, a sua maior preocupação foi convencer aos Parintintins que o pessoal do posto era subordinado a um chefe, que o mandara para o Maicy-mirim com o fim de protegel-os.

Disse o sr. Curt, num dos seus relatorios, que, um dia, palestrando com os selvicolas, explicou-lhes o longo percurso que fazia para chegar até á casa deste chefe (*nhanderubirab*), desenhando no chão os rios trafegados pela embarcação e dando uma idéa das bellezas artificiaes que se encontravam nos caminhos percorridos.

Demonstrando o interesse do chefe em proteger os indios, observou que, emquanto os Parintintins atacavam obstinadamente o pessoal do posto, este os recebia com brindes na mão, muito embora dispondo de rifles para uma repulsa.

No decurso dessa exposição, falando o dialecto dos Parintintins, que se lhe tornara familiar em pouco tempo de serviço, o auxiliar entrecortava as palavras, de vez em quando, com esta expressão:

— «O nosso chefe ordenou: não matem os Parintintins! Acabem com a guerra! Sejam companheiros!»

Era interessante observar-os quando ouviam estas explicações. Um índio, de nome Emboakary, tendo as mãos recolhidas nos joelhos do sr. Curt, olhava para elle com toda attenção, interessado em não perder uma só palavra.

Depois, disse por duas ou tres vezes, com gestos expressivos, como quem sente na alma um vislumbre de penitencia:

— «*Dorokoi pendehé!*» (não guerreemos mais).

Outros índios commentavam o assumpto, indagando curiosamente se esse chefe usava a bainha de folhas de arumã e as ligas nos braços, como elles, e se fazia guerra a outras gentes.

O auxiliar respondia a todos com a maxima sollicitude, fazendo-se comprehender com clareza, de sorte que, dentro de poucos dias, a noticia espalhara-se em todas as malocas daquella região.

Foi uma das medidas mais acertadas, porque attraheu ao posto índios que ainda não o haviam visitado, nem entrado em relações com o pessoal, os quaes procuravam certificar-se da existencia desse chefe para elles desconhecido.

Desde então, toda vez que frequentavam o posto, os Parintintins tomavam pelo braço o auxiliar e o levavam até o barranco, onde, apontando com os dedos para o rio, pediam insistentemente:

— «Conta do nosso chefe! Conta dos rios!»

E costumavam ajuntar:

— «A guerra se acabou! A guerra se acabou!»

A principio o auxiliar Curt «tentara obter dos Parintintins alguns objectos ethnologicamente interessantes, mas cedo teve de desistir, devido á incrível ganancia desses índios. Acontecia que, se perguntava por isto ou aquillo, demonstrando algum interesse, elles traziam em massa não o objecto pedido mas imitações pessimamente feitas e sem nenhum valor. Um instrumento para produzir fogo (*emoendê-tatí*), elles cortaram ao meio, e dois índios vieram negociar cada um a metade. Assim, quando um índio queria trocar o seu

arco, ás vezes o desarmava e trocava primeiro o pão e depois a corda, para fazer o negocio render».

O índio Diahly, que havia recebido de presente uma pequena montaria, por serviços prestados ao posto, no mesmo dia appareceu alli com dois peixes, exigindo por elles um machado, um terçado e outros brindes e, como não fosse satisfeito, levou outra vez os peixes.

De uma vez, uma india maltratou uma creança, e, como o auxiliar acariciasse a menor, dando-lhe alguns brindes, outras indias simularam castigar os seus filhos com o fim de extorquir presentes.

## XI

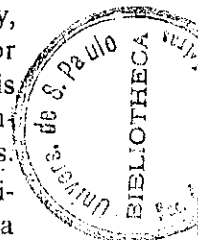
A proficiente habilidade do auxiliar Curt Nimuendajú conseguiu, de algum modo, modificar alguns actos inconvenientes de muitos Parintintins. Outros, porém, persistiam vacillantes nas suas attitudes, mostrando-se ás vezes doces e obedientes e, outras vezes, immoderados e rebeldes para com os seus pacificadores.

O pessoal do posto teve mais uma prova disto no dia 12 de fevereiro, por occasião de uma visita feita por dois grupos de selvicolas, dos quaes se destacavam os famosos guerreiros Diahly, o mais intimo; Ypuai, Pirá, Oyiporui e Matikamunde.

Notando este ultimo a consideração dispensada a Diahly, que palestrava cordialmente com o auxiliar Curt, ficou, por isso, despeitado, e irmanou-se nos seus sentimentos hostis com outros índios que, reprehendidos por irregularidades commettidas no estabelecimento, ainda se mostravam resentidos.

O certo é que, tomando por pretexto, uma questão frivola com o cosinheiro do posto, Matikamundé se retirou para a margem do rio, acompanhado dos demais e até de Diahly, e, pouco depois, esse grupo appareceu armado, no canto da cêrca, chamando o cosinheiro com gestos aggressivos.

Não conformados com a attitude pacifica de seus protectores, alguns desses índios romperam em formidavel carga



de flechas sobre o posto, enquanto outros começavam a demolir a cerca de arame.

Quando o auxiliar Curt sahia fora, notando que Diahya, já sem flechas, se afastava dos outros, rumo da porteira, chamou-o em tom cordial:

— Diahya! Diahya! Venha! Eu não atiro!

E o indio promptamente attendeu, entrando e deixando-se ficar ao lado do pessoal.

Pouco depois foi buscar no meio dos companheiros hostis o seu irmão Pirá e também Oyiporui, mas este ultimo preferiu ficar ao lado dos atacantes, que, durante esse tempo, não deixaram de visar o barracão com as suas descargas de flecha.

À frente do grupo estavam Ypuai, desafiando o pessoal a que atirasse, e Matikamundé, ainda vestido com uma ceroula que um trabalhador lhe havia dado. Por tres vezes atiraram contra o auxiliar Garcia, quando, desassombradamente, tentara dirigir-lhes a fala, a campo limpo. Uma das flechas roçou pelos cabellos desse afoito auxiliar e, outra, por pouco não attingiu o sr. Curt.

Oyiporui avançou pela parte da cerca abatida e, sem prestar atenção aos chamados de seus pacificadores, entrincheirou-se por detraz de um páo, a trinta metros do barracão, atirando na direcção das portas e das janellas, tendo algumas flechas cahido no interior.

Este quadro desenrolou-se por espaço de vinte minutos. Mas, quando não houve meio de abrandar a ira dos destemidos guerreiros, Curt dividiu o seu pessoal em dois grupos e debaixo de uma descarga de rifle para o ar, correndo de dois lados contra os atacantes, conseguiu pô-los em debandada.

Na fuga, os selvicolas deixaram no chão as suas armas e atiraram-se ao rio Maicy-mirim, rumo da bocca do igarapé 9 de Janeiro, onde desepararam.

Diahya e Pirá assistiram á scena calmamente, deixando-se ficar dentro do posto. Oyiporui, que não havia acompanhado

os fugitivos, veio depois ao barracão, a chamado de Diahya, mostrando-se tranquillo e calmo como se nada houvesse acontecido. O auxiliar Curt reprehendeu-o severamente, dando-lhe em seguida um pouco de farinha, que elle pedira para levar para os filhinhos.

Passados alguns minutos, o referido auxiliar mandou que os tres indios atirassem flechas a um alvo feito numa barrica, e, depois, mostrou-lhes o effeito das balas, mandando dar dois tiros de rifle no mesmo alvo. No dia seguinte, esses indios voltaram ao posto, portando-se de modo conveniente. Mas, na sahida, romperam nos seus costumeiros gritos de guerra, simulando um tiroteio com pancadas nas sapopemas.

## XII

Foi ainda na gestão do auxiliar Curt que o posto recebeu, simultaneamente, a visita de varios grupos de indios.

Fazendo-se acompanhar de suas mulheres e filhos, alguns vieram por terra, através dos varadoiros que se communicam com os fundos do posto, e outros chegaram em canôas de casca, pelo lado do igarapé 9 de Janeiro.

Nessa visita, os selvicolas mostraram-se alegres e satisfeitos, recebendo brindes do pessoal e dando-lhes fructas, milho verde e outros generos colhidos em suas malocas. As mulheres offereceram farinha e beijús de milho, que prepararam no acampamento, utilizando-se, para isso, de uma vasilha esmaltada.

Era indizivel a alegria desses selvicolas, e o modo por que se expandiam com o pessoal, offerecendo um quadro deveras impressionante.

As creanças, revelando muita vivacidade e desembaraço, brincavam descuidadamente no terreiro com caixas vasiaas e outros objectos, de vez em quando trepando no collo dos trabalhadores.

Dois velhos indios, não satisfeitos com os seus *cavaignacs*, ralos e bastantes crescidos, manifestaram ao auxiliar Curt o desejo de raspal-os.



Outros, insistiram para que se lhes cortassem os cabellos, mas o auxiliar, na preocupação de não descaracterizá-los, teve o cuidado de só mandar aparar os cabellos em roda.

O guerreiro Tauary pediu o arco e flecha e foi pescar no igarapé, de lá voltando risonho e pressuroso com dois peixes na mão.

À noite, quando o luar distendia o seu clarão diaphano sobre o espaço, os índios puzeram-se a dançar no terreiro, ao som alacre das suas cantigas guerreiras.

A brincadeira prolongou-se até às 21 1/2 horas, e, por fim, os índios Yuaká e Apairandá dispuzeram-se a passar o resto da noite na cosinha, em rêdes que lhes foram dadas pelo pessoal. Os outros acamparam no pontal, do lado do igarapé 9 de Janeiro, preferindo dormir ao relento.

Pela manhã do dia seguinte, esses índios tomaram café e deixaram o posto sem nenhum movimento de hostilidade.

### XIII

Com a retirada do sr. Curt, para Belém, entrara na chefia dos serviços de pacificação o seu auxiliar José Garcia de Freitas, que se houve com muita habilidade nessa delicada missão.

Communicativo e afoito, bem depressa se insinuou no espírito dos selvicolas, conseguindo granjear a sua confiança.

É assim que, na manhã de 20 de março, quando tomava café com os trabalhadores, foi elle procurado por um grupo de Parintintins, cujo chefe, mostrando-se interessado, o convidou a ir á maloca, dizendo que uma índia havia sido picada por uma cobra.

Temendo uma cilada, o auxiliar deixou de attender ao convite, no momento, observando que o dia era improprio para *soprar* na doente. Mas, na manhã seguinte, embora desconhecendo o caminho, subiu o igarapé 9 de Janeiro, em canôa, levando tres trabalhadores, um indio de nome

Horacio Mangury, da tribu tupy, que servia no posto, como interprete, e um vidro de remedio anti-oiphidico.

A viagem foi fatigante e morosa, tendo o pessoal atravessado sombrios igapós e igarapés solitarios, sem encontrar o menor rastilho dos Parintintins. A uma certa distancia, Mangury trepou numa arvore altaneira e, distendendo a vista sobre a floresta, nada mais viu que indicios de capoeira, ao longe, indicando pontos outrora habitados pelos selvicolas.

Proseguiram então na viagem e, mais adiante, descortinando um bello igarapé, cujas margens eram de areia branca, matizadas de capim tenro e verde, encontraram uma tocaia em completo abandono. Era um ranchinho de palha, semelhante a uma cupola inteiriça, tendo em torno quatro buracos, á guisa de janellas. Examinaram o interior, encontrando no chão algumas folhas, palhas de uauacú e rastros de algum indio solitario, que alli estivera em repouso.

Na incerteza da viagem, o pessoal regressou ao posto, deixando alguns brindes numa capoeira, que encontraram mais abaixo, a qual apresentava ainda vestigios de tapirys queimados e diversas arvores fructiferas.

No dia 23, aproveitando a companhia de dois indios, o auxiliar Garcia e os seus trabalhadores apprehenderam nova viagem ás malocas. Fizeram um pequeno percurso por agua e, depois, saltando na margem de um igarapé, penetraram num varadoiro alagadiço e sombrio, que avançava para o centro, descrevendo voltas fatigantes.

Numa certa altura, um dos indios pediu ao auxiliar para tomar a dianteira, allegando que tinha necessidade de annunciar a visita do *nhanderubirab* (chefe) aos companheiros da maloca.

O sr. Garcia attendeu-o, mostrando-se calmo e imperturbavel, ao passo que um dos trabalhadores chegara a ficar impressionado, temendo uma lucta imminente.

Neste interim, demonstrando visivel receio, o outro indio, que ia á frente do pessoal, perguntou ao auxiliar se pre-



tendia matá-lo pelas costas, tendo o sr. Garcia respondido que era amigo e não fazia mal aos Parintintins.

Em seguida, deu uma prova de lealdade ao índio, entregando-lhe o rifle, sem a bala na agulha, e collocando-se atrás dos trabalhadores.

O selvicola sorriu, mostrando-se, desde então, mais calmo e confiante.

Depois de atravessar, a pé, um pequeno igarapé, que serpeava pela floresta, o pessoal lobrigou uma clareira na matta, e logo a sua vista ficou maravilhada, vendo uma area descampada onde havia diversas habitações e uma roça com papunheiras, pimenteiras, cará, batata, macacheira.

Era uma das malocas isoladas dos Parintintins, mas os índios e a doente, que o pessoal procurava, haviam fugido pela matta a dentro, logo que tiveram o aviso da chegada da comitiva, ficando apenas no local o emissario que tomara a dianteira.

Comprehendendo o pavor dos fugitivos, o auxiliar não os quiz procurar, deixando, entretanto, alguns brindes na maloca, pendentes dos esteios das casas.

De volta ao posto, acompanhado dos dois índios que o guiavam, o auxiliar Garcia encontrou no varadouro um casal de Parintintins, que andava pela matta. Estes, vendo a comitiva, penetraram celeremente na matta, e, como o auxiliar os chamasse, voltaram depois com ares de desconfiança, dando ao seu pacificador uma pequena arara vermelha, que traziam.

O caso proporcionou uma scena inedita ao pessoal, porque os dois índios, que serviam de guias, começaram a mofar dos companheiros, gritando com hilaridade: *Frêkêediê!* (medrosos).

O pessoal regressou ao posto quasi ao cair da noite, e, na manhã seguinte, a doente alli appareceu, sendo medicada pelo auxiliar Garcia, que verificou que a picada de cobra nada mais era que uma ferida brava, já bastante aggravada por falta de tratamento.

## XIV

No dia 28 de março foi o auxiliar Garcia procurado por outro grupo de Parintintins, que o convidou para uma caçada, tendo um delles objectado, com vivo interesse, que queria muitas pennas de arara para fazer *akanitaras* e offerecel-os ao seu protector.

Sem o minimo receio de uma cilada, o auxiliar accedeu ao convite e, dentro de uma hora, seguia com elles para o centro, levando tambem dois trabalhadores, armados de rifle.

Em caminho, notando que os Parintintins tinham serios receios das armas de fogo, o auxiliar entregou um dos rifles a um delles, sem a bala na agulha, dando-lhes assim uma prova de confiança e de boa intenção.

Depois de duas horas de viagem pelo igarapé 9 de Janeiro, os caçadores chegaram a um dos isolados tapirys dos Parintintins e, ahi, se detiveram por alguns minutos, em preparativos de caça, rumando em seguida para o centro.

A expedição foi dividida em dois grupos, seguindo, por um lado, o auxiliar Garcia, um trabalhador e quatro índios; por outro, o trabalhador Maximiano Pinto e dois selvicolas.

A caçada foi de grande effeito para o serviço de pacificação, porque os Parintintins tiveram o ensejo de admirar a precisão com que os trabalhadores abateram quatro macacos e duas inambús.

Toda vez que a arma disparava, derrubando a caça, elles exclamavam:

— Penhangape !Penhangape!

Na volta, elles não se cançavam de commentar os episodios da caçada. Examinavam, de vez em quando, as caças abatidas, mostrando-se horrorisados com os estragos que as balas haviam produzido na cabeça dos macacos. Esta impressão foi tão apavorante que, chegando ao posto, elles não quizeram receber os macacos, contentando-se apenas em aceitar a offerta das duas inambús, porque estavam com as cabeças intactas.

## XV

Quando chegou o mez de setembro, já os índios depositavam inteira confiança e acreditavam nos bons intuitos de seus pacificadores.

O auxiliar Garcia achou que o momento era propício para uma viagem dos Parintintins às margens do rio Madeira e, assim pensando, deixou o posto com um grupo numeroso de selvicolas, inclusive mulheres e crianças.

Infelizmente, foi obrigado a interromper a viagem no igarapé Trahiras, dada a escassez de água para a passagem do batelão, resultando d'ahi a volta immediata de quasi todos os excursionistas.

Não desanimado, o auxiliar serviu-se de uma pequena canôa e proseguiu na sua rota, levando em companhia apenas os índios Diahly, Tukuhy, Igapuhê e Kanderé, que se tornaram célebres nos ataques ao posto de pacificação.

A poucas horas de viagem, desembarcou com os Parintintins e, demandando um varadoiro, pôde alcançar, através da floresta, o lugar conhecido por «Laguinho». O percurso tornou-se pouco fatigante, porque os selvicolas, descortinando velhas capoeiras, iam mostrando os logares outr'ora pittorescos onde levantaram os seus ranchinhos, visando de preferencia, nessa revista, os indícios de barracas que foram incendiadas pelo civilizado invasor. E era com tristeza que reviam esses quadros, como que a evocar os tempos fugitivos em que destructaram alli as venturas do regaço familiar e viram os filhinhos, tantas vezes, a brincar ao clarão das fogueiras.

No trajecto de «Laguinho» para o primeiro centro do seringal «Padua», tendo encontrado as ruínas de uma antiga barraca de seringueiros, que fôra queimada pelos Parintintins, o auxiliar se deteve ahi por alguns minutos, censurando os índios por esse procedimento que tiveram no passado.

Os Parintintins ficaram silenciosos, como que confirmando, tacitamente, a sua autoria na obra, tendo apenas um delles,

o de nome Diahly, declarado que não fizera parte da turma incendiaria, mas havia tirado milho, á noite, do roçado, receioso de pedir este alimento aos civilizados que habitavam o lugar.

Agora apreciemo-los no logar «São Sebastião», onde o gerente Manoel Barahuna os recebeu com carinho, offerecendo-lhes peixes e grande quantidade de fructas.

Attrahidos por uma natural curiosidade, esses índios penetraram nos tapirys dos seringueiros e assistiram á defumação de borracha, de vez em quando exclamando: *pum! pum! pum!*, ao contemplar a fumaça azulada que se evolava do solo. É que se lembravam da fumarada da polvora, quando os seus algozes os atacavam a tiros de rifle, levando a morte e a desolação ao seio das malocas.

Ao deixar os tapirys, manifestaram o desejo de possuir sapatos de borracha, pedindo ao auxiliar Garcia para dizer aos seringueiros que fossem sempre amigos delles e nunca os recebessem a bala quando os vissem pelos caminhos daquelle seringal.

Os Parintintins passaram parte da noite no barracão do sr. Barahuna, onde uma harmonica, tocada pelo gerente, fel-os despertar ao calor das mais vivas emoções.

Ao amanhecer do outro dia rumaram para o centro «São Domingos», onde os moradores, previamente avisados, os receberam com manifestações de agrado. Na sua chegada a esse logarejo, indagavam ao sr. Garcia dos nomes das pessoas presentes, pedindo-lhe as creancinhas que as mulheres dos seringueiros affagavam no collo e manifestando a vontade de crear meninos que aprendessem a falar com elles.

E assim foram, de barraca em barraca, até chegar ao seringal «Padua», onde tiraram as vestes que lhes velavam o corpo, deixando a descoberto curiosos desenhos que adornavam: a cutis, feitos a tinta de jenipapo e carvão de castanha queimada.

O auxiliar aconselhou-os a retomar as roupas, mas elles insistiram pelo seu estado de nudez, dizendo que queriam apparecer desse modo no Caiary (Madeira), afim de que



os civilizados não os desconhecêssem, quando tivessem de apparecer alli outra vez.

Em «Padua» passaram uma noite agradável, no meio de festas, reproduzindo-se as mesmas scenas anteriores.

Na madrugada de 13 de setembro, tendo sciencia da vinda desses indios, o coronel Manoel de Sousa Lobo foi ao seu encontro e os conduziu á sua propriedade «Tres Casas», á margem do Madeira, tendo antes conseguido, por intermedio do auxiliar Garcia, que elles retomassem as suas vestes.

Em «Tres Casas», onde grande numero de curiosos os recebeu, os Parintintins se mostraram alegres e confiantes, cantando e dançando com natural expansão e desembaraço como se não estivessem num ambiente extranho aos seus costumes indigenas.

Nas horas vagas, detinham-se em apreciar o telephone que põe o escriptorio do seringal em communicacão com a residencia do coronel Lobo. Perguntavam insistentemente ao auxiliar Garcia quem tinha feito o aparelho e qual era a sua utilidade no seringal e, depois bem orientados, um delles, o de nome Tukuhy, observou que tambem desejava possuir um telephone na sua maloca para falar com o pessoal do posto, quando tivesse de pedir brindes.

Esta curiosa idéa do selvicola causou a mais viva admiracão no espirito das pessoas presentes.

O coronel Manoel Lobo obsequiou os indios com presentes e, quando observava, por intermedio do sr. Garcia, de que ia mandar matar um boi para o almoço, um delles objectou:

— *An-han! Duú mimbáb!* (não! não como xerimbabo!)

Outras scenas curiosas se passaram até o dia 15, quando o coronel Lobo tomou o vapor *Cidade de Teffé*, com destino a «Padua», levando em sua companhia o auxiliar Garcia e os heroicos Parintintins.

A bordo, esses indios mostravam-se encantados com tudo o que viam e examinavam de perto. Subiram á tolda e

puxaram a corda da sirena, descendo depois á sala das machinas onde se detiveram por mais de uma hora a apreciar o movimento de todo aquelle machinismo para elles complicado e desconhecido.

Os excursionistas chegaram a «Padua» no mesmo dia, rumando na manhã seguinte para as suas malocas. O coronel Manoel Lobo e o sr. Ventura Freire, gerente do seringal, deram-lhes mais uma prova de carinho, acompanhando-os até o logar conhecido por «Laguinho», onde os indios se despediram com gestos de visivel emoção, demonstrando assim o seu reconhecimento pela bôa hospitalidade que tiveram.

## XVI

O anno de 1924 encontrara a pacificacão na sua phase mais brilhante.

Não mais se ouvia, no zinco do barracão, o estalo de uma unica flecha.

Os Parintintins não mais investiam contra os seus protectores para a disputa de brindes, nem lançavam mão de objectos, sem o devido assentimento, provando assim que nenhuma propensão tinham para o roubo.

Os gestos immoderados dos ultimos selvagens, que se mantinham vacillantes na vespera, eram substituidos agora pelas provas de confianca que elles davam aos seus protectores, visitando o barracão sem os apparatus de suas armas, palestrando cordialmente com os trabalhadores, e partilhando, sem receios, dos alimentos que lhes eram dados nas horas de refeição.

O velho indio Cary, pae do guerreiro Yuaká, passara a residir alli com oito pessoas de sua familia, numa barraca adaptada, e, muito embora se lembrasse ainda de accender, á noite, a sua coivara, pouco desejo nutria de voltar á maloca.

Outros indios passaram a pernoitar no posto, completamente alheios ao temor, abrigados em uma outra barraca que para elles fôra construida no terreiro.

O famoso guerreiro Matikamundé trocara o nome por outro, dizendo-se arrependido dos ataques que fizera ao posto, na ignorancia dos bons intuitos de seus pacificadores.

A cerca de arame farpado que protegia a area broçada do estabelecimento fôra demolida por desnecessaria e offensiva á lealdade dos selvicolas.

Os proprios rifles eram collocados ao alcance dos Parintintins, sem que houvesse da parte de seus protectores o mais leve presentimento de uma cilada.

Muitas vezes eu vi esses indios apontarem os dedos para as armas, dizendo aos trabalhadores: — *Emombó paranã! Dorokói pendehé!* (joguem ao rio! a guerra se acabou!)

E a noticia de tamanha obra voara até ás plagas estrangeiras, dando motivo a que o jornalista inglez Domville Fife publicasse, a respeito, uma bellissima chronica no «*The Times*», de Londres.

Outros estrangeiros, sequiosos por uma prova testemunhal, vieram observar de perto os serviços de pacificação. E foi assim que, em julho de 1924, o posto do Maicy-mirim recebeu a visita da expedição norte-americana de Philadelphia, composta dos srs. Joseph Mc. Goldrick, Henry Norris, Alec Besso e George Coudert, tendo hospedado, no mesmo anno, o sr. Hermann Dengler, distincto allemão, que fizera parte da grande expedição chefiada pelo Dr. Hamilton Rice, e della se desmembrara após o fallecimento, no Rio Branco, do saudoso Dr. Theodor Kock.

Mas, diante desses factos, terá o leitor a supposição de que toda a obra está terminada?

Eis ahi uma pergunta que exige meticolosa resposta. Feita a pacificação dos Parintintins, depressa os indios começaram a visitar as propriedades ribeirinhas do rio Madeira, certos de que não mais subsistia o temor daquelle passado sombrio e angustioso em que, ameaçados nas suas terras e trucidados nas suas malocas, por vezes tiveram de terçar armas para reprimir a onda sinistra dos civilizados inclementes.

Semelhante recreação não podia deixar de causar, como tem causado, um grande mal para os heroicos selvicolas. A razão é esta: enquanto elles se divertem e passeiam, commetter uma imprevidencia contra o proprio bem-estar, abandonando as suas malocas e deixando de cultivar o solo que tão generoso lhes tem sido com a producção de generos alimenticios. Por outro lado resulta que, da sua promiscuidade com civilizados, no rio Madeira, alguns têm contrahido a gripe catarrhal e outros males contagiosos, ficando assim expostos ao perigo da vida e, quiçá, da depravação moral, porque não faltarão individuos inescrupulosos que os procurem induzir ao vicio da embriaguez.

É contra semelhante situação que actualmente se insurge o pessoal do posto de pacificação, mostrando aos Parintintins os males que poderão advir das suas recreações e induzindo-os á intensificação da cultura agricola, no seu *habitat*, agora que dispõem de instrumentos modernos para a sua actividade braçal.

A missão parece espinhosa, mas não será impraticavel.

O que parecia impossivel á imaginação de muita gente, a inspectoria de indios no Amazonas realisou em curto espaço de tempo, sem o menor derramamento de sangue.

A pacificação dos Parintintins ahi está. Não mais perdura no espirito dos selvicolas a prevenção que mantinham contra os civilizados, como consequencia dos horrores que soffreram no passado, compellindo-os, por vezes, a tremendas investidas.

Hoje os habitantes ribeirinhos do Madeira vivem em completa tranquillidade, voltando a sua actividade á exploração de zonas centraes que, outr'ora, permaneciam adynamisadas, no silencio da mais apavorante expectativa.

No *okad* da maloca dos Parintintins não mais rugitam os gritos de guerra nem as soturnas canções dos feitos bellicosos. Elles querem a paz, aspiram a ventura no seu *habitat*, e é justo que todos os brasileiros conscientes procurem induzil-os ao caminho da felicidade, estendendo as mãos para uma raça heroica que percorreu victoriosamente a escala de quasi um seculo de martyrios.

## Vocabulário do dialeto Parintintin

Pequeno vocabulário do dialeto Parintintin,  
organizado por

Joaquim Gondim de Albuquerque Lins

Portuguez

Parintintin

### A

Agua	Ehê
Agua amarella	Eiúb
Areia	Ed'a
Arvore	Rôbá
Ananaz	Apará-pará-hum
Arraia	Yabé-uête
Arco	Iuírapá ou êuêrapá
Arco-iris	Euêrá-caabú
Arara	Canindé
Algodão	Amandediú
Azul	Diúkêrê
Assucar	Cãnatí
Aranha	Nhandú
Amanhecer	Kiró-coême
Acabou-se	Momina
Andar	Mómó
Accender	Emoendê
Accender a luz	Emoendê-tatá
Assoviar	Otomône-im'
Arrancar	Omondoró
Abanar	O-pêdju
Aborrecido	Kí-an
Accordar	Ôma-é
Avô	Diramõin
Amanhã	Coimomé
Agora	Kiró
Alli	Irupé
Aonde	Momé



<u>Portuguez</u>	<u>Parintintin</u>
	<b>B</b>
Bonissimo	Caturité
Bom	Catú
Banana	Pacoité
Borboleta	Arêrê
Braços	Ahé-re-adibá
Bocca	Ahé-diurú
Bezouro	Carú-oropé
Barranco	Eêtem
Barraca	Ogá
Bacia	Iá-imbébe
Branco (côr)	Tinhã-en
Bastante	Pucú
	<b>C</b>
Casa	Ogá
Cabeça	Ipi
Caminho	Tatá-pêê
Carvão	Tapêê
Civilizado	O-ú
Comer	Omonó
Cadaver	Barupái
Cannivete	Amāni
Chuva	Akanitára
Chapéu	Ahé-acang
Cabello	Ahé-ap
Céu	Ivág
Chorar	Odihé-hó
Cahir	Ohí
Cantar	Onibá-oi
Café	Cauim-hum
Cobra	Bód'a
Côxa	Ahé-up
Carangueijo	Guararú
Como	Garan
Como se chama?	Garãndarará? ( <i>rara é</i> quasi muda)
Canôa	Ehád
Curimatã	Enêd'a
Cachorro	Diaúatem
Calor	Coará-hê

<u>Portuguez</u>	<u>Parintintin</u>
Cuia	I-a
Caneco	Niantiguí
Cortar o cabelo	Nerepini
Canna de assucar	Iukêratê
	<b>D</b>
Dia	Ara
Dançar	Coimomé-hé
Deixa vir	Hé
Deixa matar	Ahê
Deixa ir	Ahê
Deixa entrar	Ahé-rain
Deixa vêr	Ahé-pihan
Deixa ouvir	Ahé-pum
Dou	Tupan
Dormir	Mocõin ?
Despir-se	Guekem
Dois	Okí ?
Deus	Amondó ?
Dedo da mão	Taendú
Dedo do pé	Tahapia
Dente	Takê
Doente	Tahó
Dôr	Taiucá
Depois	Taúd
Depois damanhã	Erêrupê, airakê
	<b>E</b>
Eu	Dihí, <i>di, a</i>
Eu vou	Diahó
Eu sei	Acuaháb
Eu quero	Aputári
Eu tenho	Arecói
Elle	Gahá, <i>ga, o</i>
Elle vê	Hapiagá
Elle deu	Omondó
Elles	Nharrá, <i>o</i>
Enxada	Ahé-mombeú
Entregar	Embou
Entrega-me	Embou-dibé
Exhalação	Inem
Estrella	Yahê-tatá-i

Portuguez	Parintintin
	<b>F</b>
Fico	Apêta
Fica	Opêta
Foi	Ohó
Fazer	Apó
Figura	Araragápe
Flecha	Uêb
Flecha de guerra	Tapacuád
Flecha para peixe	Tacuád
Frio	Aiuruí
Fallar, conversar	Amonguitá
Faces	Ahé-re-têupá
Feijão	Ibôpei
Folha de árvore	Ka-á
Fazer fogo	Omôendê-tatá
Fogo	Tatá
Fogueira	Tatá
Fumaça	Tatá-tin
Farinha	Uí
Faca	Paratê
	<b>G</b>
Grande	Pucú
Guerra, guerrear	Orokói-pendehé
Gavião	Coandú-hú
Gallo	Inamutem
Garrafa	Nhumbiá
Gritar	O-uí-him
	<b>I</b>
Imagem	Araragape
Irmão	Dikêuêra
Irmã	Direndêra
Irmãozinho	Diruvêd
Igual	Nimé
	<b>J</b>
Jovem (masculino)	Curubí
Joven (feminino)	Cunhambí
Jogar, sacudir	Emombó

Portuguez	Parintintin
	<b>K</b>
Kerozene	Nhandê-hum
Kagado	Eabutê
	<b>L</b>
Lá	Irupé
Longe	Pá
Leva	Erohó
Linha fina	Inimbó-tiuím
Linha grossa	Inimbó-pucú
Linha com anzol	Inimbó-reevé
Levantar-se	Opoân
Lua	Yahê
Lua nova	Yahê-êpê
	<b>M</b>
Me, mim	Dibé
Meu, minha	Ahé
Mais tarde	Carunga-mé
Meio-dia	Ará-dicatú
Mão	Tira-hum
Meu pae	Di-rup
Metter, introduzir	Omonguí
Matar peixe	Pirârêhê (?)
Muito	Hei-hei, ritê
Matar	Ad-ucá
Milho verde	Auatê-kêêdi
Milho secco	Auatê
Mão	Ahé-pó
Morcego	Anderá
Macaco barrigudo	Kairana
Macaco prego	Kaiataí
Macaco grande	Kaihú
Mulher	Cunhã
Mulher casada	Amontêhé
Moça	Cunhã-mocú
Mocho, coruja	Urucureá
Maloca	Yaêuêd
Mêdo	Erêkêêdiê
Machado	Diicuári

Portuguez	Parintintin
Musculo	Ipopó-acá
Mel	Iúcaratê
Mentira	Imbé
Mandioca	Mandiog
Menino	Piá
Menina	Piá
Mãe	Rahí
<b>N</b>	
Não	An-han, <i>na</i>
Nós	Iandé, <i>ti</i>
Nosso	Nhandé, <i>oré</i>
Não trouxe	Darúre
Não vejo	Dahapía
Não tenho pae	Naierup
Não tenho mulher	Nerembirecói
Não quero comer	Da-ú
Não sei	Dacuaháb
Negro (homem)	Tapaiúm
Não tem	Nocói
Não quero guerrear	Dorocói-pendehé
Não quero	Naputári
Não deste	Neremondói
Nadar	U-itápe
Nascer	O-ate
Noite	Pétuna
<b>O</b>	
Onde	Momé
Onde está	Mará-momé
Onça	Diáuára
Olhos	Ahé-re-acuád
Orelhas	Ahé-nambí
Ovo	Rupíá
<b>P</b>	
Passeiar	U-ekêi
Pescar	Omopó-heré
Pão de tirar fogo	Tatá-ê
Pular, saltar	Ohé-ohé
Pouco	Nahetái

Portuguez	Parintintin
Passaro	Uêaem
Perto	Irá-aué
Pae	Rup
Parente	Amōin
Pé	Ahé-pê
Pescoço	Ahé-diocók
Pernas	Ahé-rêê-mocōin
Parintintin	Cuaháb
Praia	Evêcin
Peneira	Irupême
Pedra	Itá
Preto (côr)	Nimonúm
Panella	Niá-pepói
<b>Q</b>	
Quero	Putári
Que, qual	Gará
<b>R</b>	
Remar	Atêcuái
Remo	Adicuái
Rio Madeira	Caiary (?)
Remedio	Mohān
Ruim	Tira-hum
Rêde	Tupáb
Rancho	Orerapúi
Rio	Paraná
Retrato	Araragape
<b>S</b>	
Sim	Aé, ta
Sei	Cuaháb
Seu, sua	Gahá
Sentar-se	O-apêk
Segredar	Hibebó
Sobrancelhas	Ahé-re-apicang
Somnolento	Diurúdiái
Sol	Coará
Sobrinho	Tutê (?)
Sapato	Ipêro-hum



Portuguez	Parintintin
<b>T</b>	
Teu, tua	Dehé
Tu dás	Emondó
Tarde	Caruca
Trovão	Tupá
Ferreiro	Okád
Terçado	Itakihé
Tartaruga	Eabutê
Trazer	Erú
Traz-me	Erú-dibé
Deixa dar	Tamondó
Tio	Ditutêd
Testa	Ahé-re-aiubá
Thorax	Ahé-re-bék
<b>U</b>	
Um	O-ipé
Umbigo	Retuãñ
<b>V</b>	
Vi	Hapí
Vêr	Hapía
Venha	Eroió
Veado	Erundê
Vermelho	Iuãne
Voltamos	Tiohóriá
Vaes	Ehó
Vapor	Itá-irara-hu

O *h* é aspirado em as palavras em que f

**Pronomes pessoaes**

Eu	Dihi, <i>di, a</i>
Tu	Indé, <i>dé, e</i>
Elle	Gahá, <i>ga, o</i>
Nós	Iandé, <i>ti</i>
Vós	Penhan, <i>pé</i>
Elles	Nharrá, <i>o</i>

**Pronomes e adjectivos possessivos**

Meu, minha	Ahé
Teu, tua	Dehé
Seu, sua, delle, della	Gahá
Nosso, nossa	Nhandé, oré
Vosso, vossa	Pehé

**Adjectivos numeraes**

Um	O-ipé
Dois	Mocõin

**Algumas phrases**

Nós vamos dançar	Tiahó erêrupê
Onde está meu pae?	Mará-momé di-rup?
Elle vae pescar	Ehó mopó-heré
Que estás fazendo?	Gará-nde-re-apó?
Minha mãe está doente	Ahé di-rahí

**OBSERVAÇÕES.** — As variações pronominaes precedem a forma verbal para indicar as diversas pessoas dos verbos. São as seguintes: do pronome dihi — *di, a*; do pronome indé — *de, e*; do pronome gahá — *ga, o*; do pronome iandé, — *ti*; do pronome penhan — *pe*; do pronome nharrá — *o*.

Exemplo: ahó, eu vou; ehó, tu vaes; ohó, elle vae; tiahó, nós vamos; pehó, vós ides; ohó, elles vão.

Os prefixos communmente usados, são: *ta*, que exprime affirmação; e *da* ou *na*, que exprimem negação.

Exemplo: tahapía — sim, vejo, ou deixa vêr; dahapía — não vejo; napatári — não quero.

A construcção das phrases é muito simples. Ao envez de Mará-momé ahé-rup? — onde está meu pae?; elles dizem: Mará-momé di-rup? — onde está eu pae?

Na designação de qualquer parte do corpo, elles antepõem ao substantivo o adjectivo possessivo. Assim, ao envez de acang cabeça, elles dizem — ahé-acang — minha cabeça.